



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE**  
**FACULDADE DE DANÇA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**GESIEL RIBEIRO DE LEÃO**

**CORPO/HIP HOP: expressão cultural, social, artística, esportiva e educacional**

**BELÉM-PA**

**2023**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE**  
**FACULDADE DE DANÇA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**GESIEL RIBEIRO DE LEÃO**

**CORPO/HIP HOP: expressão cultural, social, artística, esportiva e educacional**

Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Licenciatura em Dança (UFPA), como requisito para aprovação final, sob orientação da Profa. Dra. Mariana Marques Kellermann e coorientação da Profa. Dra. Waldete Brito Silva de Freitas.

**BELÉM-PA**

**2023**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

---

L437c      Leão, Gesiel Ribeiro de  
CORPO/HIP HOP: expressão cultural, social, artística, esportiva  
e educacional / Gesiel Ribeiro de Leão -- 2023.  
90 p.  
  
Orientadora: Profa. Dra. Mariana Marques Kellermann  
Coorientação: Profa. Dra. Waldete Brito Silva de Freitas.  
  
Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Dança, Curso de  
Licenciatura em Dança, Belém, 2023.  
  
1. Hip-hop (Cultura popular) – Belém (PA). 2. Movimentos sociais. 3.  
Cultura popular. I. Título.

CDD - 23. ed. 307.764098115

---

**Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
FACULDADE DE DANÇA

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e quatro dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte e três, às quinze horas, na sala 22, da Faculdade de Dança - Curso de Licenciatura em Dança, reuniu-se a Banca Examinadora constituída pelas docentes: Prof<sup>ª</sup> Dra. Mariana Marques Kellerman (Orientadora e Presidente da Sessão), Profa. Dra. Waldete Brito Silva de Freitas (coorientadora), Prof<sup>ª</sup> Dra. Bene Martins (Membro interno) e Prof. Esp. Renan Santos do Rosário (Membro Externo), para proceder à avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “CORPO HIP HOP: expressão cultural, social, artística, esportiva e educacional”, de autoria do aluno: **Gesiel Ribeiro de Leão**, matrícula: 201706040002, da turma: 2017, do Curso de Licenciatura em Dança. Iniciado os trabalhos, a Presidente da Sessão apresentou as normas de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso e em seguida convidou o aluno para fazer a apresentação do trabalho. Após a exposição oral, o discente foi arguido pelos membros da banca, que atribuíram conceito Excepcional ao seu Trabalho de Conclusão de Curso, tendo sido assim Aprovado (aprovado/reprovado), conforme normas regulamentares. Nada mais havendo a tratar, eu, presidente(a) da banca, lavrei a presente ata que segue assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora do trabalho avaliado e pelo aluno.

Mariana Marques Kellerman  
Presidente da Banca

Waldete Brito Silva de Freitas  
Membro da Banca (coorientadora)

Renan Santos do Rosário  
Membro da Banca

Bene Martins  
Membro da Banca

Gesiel Ribeiro de Leão  
Aluno (a)

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura: Gesiel Ribeiro de Leão

*GESIEL RIBEIRO DE LEÃO*

Local e Data: Belém 14/06/2023

Dedico este estudo às gerações que me antecederam, não se fizeram presentes em grandes ou pequenos centros educacionais do mundo menos ainda em faculdades, tiveram pouco acesso ao conhecimento e quando me refiro a este, digo sobre a leitura de livros e escritas de artigos. Alguns nem se quer aprenderam a ler ou escrever, mas a estes, puderam repassar através do tempo o respeito mutuo com a natureza e o ser humano.

Ao meu avô materno Cirilo Guimarães Rodrigues, pescador que habitou durante vida a cidade de Cametá-PA e nos seus últimos momentos me ensinou sobre a importância de valorizar as coisas simples da vida, te amo eternamente vô. A minha avó materna apelidada carinhosamente de Xuxa que durante vida era um exemplo de persistência e força, te amo eternamente vó.

Ao meu tio Avelino que durante sua existência nos ensinou o verdadeiro significado de amar, e que durante anos me mostrou através de atitudes como ser apaziguador, te amo eternamente tio. A minha tia Izabel símbolo de bondade, força, dedicação e carinho, na qual, durante sua passagem neste plano terrestre nos mostrou como todos devem ser, te amo eternamente tia.

Dedico este estudo a esses entes queridos pretos que muito são símbolo de tantas coisas boas no meu âmbito familiar, no qual cresci ouvindo histórias e ensinamentos de vida, que carrego até os dias de hoje.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por eu estar vivendo a vida.

A minha mãe, Dona Maria Israelita Rodrigues Ribeiro, a pessoa mais meiga e bondosa que sempre esteve ao meu lado, vezes presencialmente, vezes virtualmente que neste momento dou graças a ela, pois, durante seu caminho como mãe, trabalhou e lutou para que eu tivesse educação, já que, foi trazendo seus princípios que pude trilhar este caminho convicto de que é o certo.

A minha querida e amável orientadora Mariana Marques Kellermann, pela qual, tenho enorme respeito e admiração, que ajudou e incentivou, toda minha trajetória acadêmica, professora exemplar e comprometida com o ensino e aprendizagem, me servindo até aqui de espelho.

A minha Professora, Diretora e Coorientadora Waldete Brito, que muito contribuiu em minha vida acadêmica e no meu fazer artístico na cidade de Belém-PA, através dos seus conhecimentos e suas inúmeras parcerias no projeto IMBRICAR.

Ao amigo Ivan Pires que tanto me ensinou através de suas histórias e vivências na cultura Hip-Hop, como poderia me tornar um homem integro e comprometido com o fazer social e cultural da comunidade.

À Thaysa Cristina e seus calorosos abraços nos momentos tristes da vida em que esteve presente, obrigado por enxugar cada lagrima derramada nesse caminho.

Ao irmão de sangue Rico Ribeiro que me mostrou o fantástico mundo da Cultura Hip-Hop, e que caminhou ao meu lado até o momento, no qual nossas marchas já não coexistiam juntas, um forte e acalentado abraço e não poderei deixar de agradecer a Fabio Silva, irmão de peito, que me faz acreditar todos os dias, que meus esforços no âmbito social refletem de forma positiva na sociedade.

Ele é papel, caneta, é lição, som e letra  
Ele é chão, é planeta, é visão de luneta  
É loucão, tarja preta, é canhã, é Beretta  
É os neguinho de bombeta, ele é muita treta  
É Sabota, é Bambata, é swing de Da Lata  
É resgate, é escada, é a voz das quebrada  
Ele é "hey!", ele é "how!", ele é free, ele é show  
Libertou, me mostrou quem eu sou  
O Hip-hop é foda!

MC Rael



## RESUMO

A presente pesquisa trata-se de investigação sobre a Cultura Hip-Hop e como a mesma se mobiliza e movimenta-se perante a sociedade e em áreas, tais como: educação, cultura, esporte, arte e lazer. Sendo observada pela composição de todos os seus elementos em um contexto que ambos são necessários para que seja completa.

O problema consiste em como realizar e visualizar a Cultura Hip-Hop como um corpo e seus membros, nos quais, serão dissecados e analisados durante a investigação, para que se possa entender em quais aspectos esta cultura assemelha-se. O processo se deu por viés investigativo, analítico e através de inúmeras entrevistas com personagens importantes e significativos.

Foi traçado o seguinte objetivo: como desenvolver um saber científico de uma cultura, para que esta seja visualizada como um corpo, capaz de dialogar em diversas áreas da sociedade em que vivemos. Para tanto foi desenvolvido pesquisa de campo, no município de Belém-PA, em Cyphers e rodas culturais da Cultura Hip-Hop. O método de pesquisa desenvolvido, foi o Etnográfico e a Anarcometodologia em uma abordagem de pesquisa-ação.

Foi aplicada a técnica de entrevistas e como instrumento o questionário, análise, investigação de imagens e vídeos, os dados foram tratados qualitativamente e os resultados foram analisados e discutidos a luz de referencial teórico.

Palavras-chave: Hip-Hop - Belém-PA; cultura; corpo e conhecimento.

## **ABSTRACT**

The present research deals with the investigation of Hip-Hop Culture and how it mobilizes and moves before society and in areas such as: education, culture, sport, art and leisure. Being observed by the composition of all its elements in a context that both are necessary for it to be complete.

The problem consists of how to realize and visualize the Hip-Hop Culture as a body and its members, which will be dissected and analyzed during the investigation, so that one can understand in which aspects this culture is similar. The process took place by investigative, analytical bias and through numerous interviews with important and significant characters.

The following objective was set: how to develop a scientific knowledge of a culture, so that it is visualized as a body, capable of dialoguing in different areas of the society in which we live. For that, field research was developed in the city of Belém-PA, in Cyphers and cultural circles of Hip-Hop Culture. The research method developed was the Ethnographic and Anarcometodologia in an action-research approach.

The technique of interviews was applied and as an instrument the questionnaire, analysis, investigation of images and videos, the data were treated qualitatively and the results were analyzed and discussed in the light of a theoretical framework.

**Keywords:** Hip-Hop - Belém-PA; culture; body and knowledge.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - MAPA DO CONTINENTE AFRICANO.....	16
Imagem 2 - MAPA DA CIDADE DE NOVA YORK.....	17
Imagem 3 - MAPA DE BELÉM-PA.....	32
Imagem 4 - CINE OLÍMPIA NA DÉCADA DE 80 A 90.....	34
Imagem 5 - CAPA DO FILME BEAT STREET.....	35
Imagem 6 - PRAÇA FLORIANO PEIXOTO BAIRRO DE SÃO BRAZ.....	37
Imagem 7 - B-boy Fera.....	38
Imagem 8 - Armando Pantoja.....	41
Imagem 9 - B-boy Fera.....	43
Imagem 10 - B-boy Maluquinho.....	44
Imagem 11 - B-boy Fera e B-girl Lívia.....	45
Imagem 12 - Ivan Pires.....	46
Imagem 13 - Ivan Pires.....	49
Imagem 14 – Circuito paraense de Breaking.....	50
Imagem 15 – Copa Pará de Breaking.....	51
Imagem 16 – Cypher.....	61
Imagem 17 – CYPHER.....	62
Imagem 18 – RED BULL BC ONE.....	62
Imagem 19 - Gráfico que representa o Corpo/Hip-Hop.....	63
Imagem 20 – Células do DJ.....	64
Imagem 21 – DJ Bruno Beats.....	65
Imagem 22 – Células da boca.....	67
Imagem 23 – MC Styfle Guto.....	69
Imagem 24 - Célula do Graffiti.....	70
Imagem 25 – Graffiti em Muro.....	71
Imagem 26 - Célula do Breaking.....	73
Imagem 27 – Xifu Ribeiro Dançando.....	75
Imagem 28 – Aula sendo aplicada na amarelinha.....	76

Imagem 29 – Amarelinha de 7 quadrados.....	<b>79</b>
Imagem 30 – Amarelinha 1 de quatro quadrados.....	<b>80</b>
Imagem 31 – Amarelinha 2 de quatro quadrados.....	<b>80</b>
Imagem 32 – Movimentações na Amarelinha.....	<b>81</b>
Imagem 33 - Demonstração em sala de aula sobre a amarelinha.....	<b>82</b>
Imagem 34 – Saltando de 1 p.....	<b>83</b>
Imagem 35 – Amarelinha desmembrada.....	<b>84</b>

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPITULO 1: HISTORIOGRAFANDO CULTURA.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 HIP-HOP: história e origem .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 HIP HOP o que é? .....</b>	<b>23</b>
<b>1.3 HIP-HOP e o surgimento no Brasil .....</b>	<b>29</b>
<b>CAPITULO II: OS PILARES PARAENSES .....</b>	<b>31</b>
<b>2.1 Hip-Hop em Belém Do Pará .....</b>	<b>32</b>
<b>2.2 Hip-Hop e seus pioneiros paraenses.....</b>	<b>40</b>
<b>2.3 Hip-Hop e seu estabelecimento cultural .....</b>	<b>51</b>
<b>CAPITULO III: CONCEITUANDO O CORPO .....</b>	<b>54</b>
<b>3.1 Conceito de corpo .....</b>	<b>54</b>
<b>3.2 Cultura Hip-Hop enquanto unidade de um corpo.....</b>	<b>63</b>
<b>3.3 Hip-Hop: brincadeira ou ciência? .....</b>	<b>76</b>
<b>(IN) CONCLUSÃO .....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>88</b>
<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>90</b>

## APRESENTAÇÃO

O primeiro capítulo desta pesquisa trata de todo contexto histórico da Cultura Hip-Hop. Nomeado de Historiografando Cultura, este capítulo conta com três subcapítulos que se chamam:

HIP-HOP: história e origem; HIP-HOP: o que é; HIP-HOP e o surgimento no Brasil; diferentemente de outras pesquisas em que o eixo se dá por uma visão Estadunidense, busco iniciar este estudo pelo eixo da África do Sul, por conta de me aprofundar nos personagens centrais da história do Hip-Hop e seus laços ancestrais africanos, por observar também, que existem muitos elementos exportados para os Estados Unidos advindos deste continente.

Contudo, examino o que vem a ser Hip-Hop e tudo aquilo que a cerca enquanto Cultura, até adentrar de fato em seu surgimento no Brasil, através da história de Nelson Triunfo<sup>1</sup>. O segundo capítulo é nomeado de “Os Pilares paraenses”, este capítulo contém três subcapítulos com títulos como:

HIP-HOP em Belém do Pará; HIP-HOP e seus pioneiros paraenses; HIP-HOP estabelecimento e cultural; em que busco mostrar um apanhado histórico de como a cultura se construiu dentro do município de Belém-PA, como também, lugares, ambientes públicos que se tornaram importantes para o movimento podendo acrescentar os filmes estadunidenses contribuíram para a divulgação e expansão da Cultura Hip-Hop no Estado.

Tecendo uma linha de conhecimento fértil para futuras pesquisas realizei algumas entrevistas com pioneiros ainda vivos da Cultura Hip-Hop paraense, tais como: Armando Pantoja, Fera, Maluquinho e Ivan Pires, que julgo importante para serem lembrados, pois, muito contribuíram para a cena atual do Estado.

Adentrando o ultimo capítulo desta pesquisa, nomeado de “Conceituando o corpo”, construir um pensamento sobre o corpo Hip-Hop, como ele se constitui por partes importantes para o seu funcionamento, este capítulo conta com três subcapítulos nomeados de:

Conceito de corpo; Cultura Hip-Hop enquanto unidade de um corpo; HIP-HOP: brincadeira ou ciência; em que, busco teorizar como os quatro elementos da cultura, DJ, MC, GRAFFITI e BREAKING, formam um grande corpo, no qual, um depende do outro para agirem como unidade, passando a se movimentar perante a sociedade.

O último subcapítulo trata das metodologias nas quais o Hip-Hop consegue dialogar com outras linhas do saber educacional e científico, desenvolvendo através do lúdico um sistema de ensino e aprendizagem, baseados no jogo da amarelinha, em que, pode ser trabalhado múltiplas capacidades humanas no desenvolvimento infantil, juvenil, adultos e sênior.

---

<sup>1</sup> Nelson Triunfo é considerado um dos pioneiros da cultura Hip-Hop no Brasil, no qual, venho me fundamentando em seus estudos através de sua biografia.

## INTRODUÇÃO

*“O futuro não é novo é uma mulher velha”.*

*Froid<sup>2</sup> – Negro é foda.*

Anos se passaram e o HIP-HOP<sup>3</sup> cada vez mais vem ganhando espaço. Sua história fundada por uma perspectiva sul africana com filosofias, leis e regras que o cercam até os dias de hoje, tornou-se potência em pesquisas nas áreas da pedagogia, da sociologia, da filosofia, ciências, das artes entre outras.

Com intuito de expandir-se em conhecimentos e metodologias que agregam e dialogam com o cenário do HIP-HOP e o ensino/cultural que vivemos atualmente. A presente pesquisa foi cercada de perguntas e poucas foram as respostas que influenciaram para criação de um conceito, de que, a cultura HIP-HOP fosse na verdade um Corpo/HIP-HOP que é constituída por quatro elementos. Estes elementos formam partes do corpo e atribuem: voz, visão e movimentos, que transita por toda sua história, dialogando com ciências e contribuindo para o meio social.

Carregado de cicatrizes e feridas que ainda latentes se abrem propiciando rastreios de conhecimento que se intensifique cada vez mais. Nesta nova perspectivas que se agregam ao Corpo/HIP-HOP, têm o intuito de dialogar com o ensino da cultura por meio da imagética filosófica do mesmo, ampliando certa forma metodologias que sejam criadas para serem aplicadas no ensino da arte/educação.

A pesquisa compreende a cultura Hip-Hop, como o corpo que interage e se socializa ao meio em que esteja inserido, buscando sempre adaptar-se de forma orgânica as mais diversas culturas, intensificando o seu contato e visibilidade através das suas expressões artísticas. O meu entendimento é que a cultura Hip-Hop, tem como fenômeno o corpo cercado de

---

<sup>2</sup> Froid é um Rapper de sucesso da cultura Hip-Hop do século XXI, que conta com inúmeras músicas com personalidade, seu ponto forte e criar versos abstratos que podem sugerir e fazer refletir sobre qualquer coisa ou época, o verso desta música venho a entender que trata-se de que o tempo não é algo novo, mas sim uma mulher velha, que aprendeu muito no decorrer do tempo e com isso amadureceu, perante as diversidades que a vida impõe, adquiriu de maneira sabedoria para dialogar sobre qualquer fato existente no mundo. Portanto, cito como epígrafe para início desta pesquisa.

<sup>3</sup> HIP tem o significado de aqui é agora, ou algo que esteja na moda, HOP é um passo de dança, HIP-HOP por sua vez significa “Movimento que acontece aqui e agora”.

significações, em que, podemos observar e dissecar cada um dos seus membros para obter respostas e criar significados.

O Corpo/HIP-HOP se estabeleceu e desenvolveu no decorrer de sua história, tornando-se deste modo, um corpo com o mundo e um corpo no mundo, o mesmo que se movimenta através de estímulos, perpassando por diversas transformações, tanto em suas vivências, como nos seus próprios experimentos, até chegar no seu ápice, transformando e absorvendo saberes.

O saber nem sempre irá surgir do meio em que este corpo convive, pois, se faz necessário que experimente outros saberes e conhecimentos em sua totalidade. Visto que este corpo apreende diferentes formas, que são a base de sua própria existência enquanto cultura, tendo em vista que é possível se relacionar com outras ciências do saber, buscando não se disciplinar ou se estruturar e sim encontrando formas de exercitar-se para diversas construções científicas, desenvolvendo metodologias de ensino/aprendizagem acerca do mesmo.

O objetivo geral desta pesquisa, é apresentar a importância do Corpo/HIP-HOP como ferramenta de estudos nas mais diversas áreas do saber, buscando compreensão dos seus parâmetros próprios e como objetivos específicos:

- Explorar formas de viabilizar o ensino e aprendizagem por meio do Corpo/HIP-HOP.
- Propor entendimento histórico e técnico do que vem a ser o Corpo/HIP-HOP.
- Estabelecer diálogos e conexões com outras áreas do saber científico.

O ato de construir saberes deve ir além das técnicas corporais, fomentando os demais meios que o rodeiam, em uma perspectiva filosófica, educacional e social de seus elementos em um único corpo que transita entre metodologias. O problema central da pesquisa em questão é saber: como descrever de forma científica tendo como base a cultura HIP-HOP pensamento filosófico e imagético de corpo ou unidade do mesmo.



## CAPITULO 1: HISTORIOGRAFANDO CULTURA

O Hip-Hop e suas inúmeras histórias, afirmações e reafirmações, como cultura de paz, amor, união e diversão se tornou uma potência mundial alcançando e transformando saberes empíricos em práticas e teorias, se fazendo refletir, afim de cada vez mais se consolidar no cenário artístico, educacional e esportivo.

*E como se fez entender a partir de práticas simples e de cunho social os seus mais diversificados meios e seu grandioso surgimento, por meio, de lemas advindos da cultura africana?*

Essas e outras perguntas respondemos por meio de relato de estudiosos e pioneiros transcritos em revistas, livros e demais materiais didáticos, assim também como o pensamento e estudo individual do autor. Perguntas foram sanadas por meio da leitura deste primeiro capítulo e reflexões acerca de cada subcapítulo que foram transportados para um mundo único e repleto de conhecimento.

### 1.1 HIP-HOP: história e origem

*“Só entendemos o presente se olharmos os processos do passado”  
ANDRADE, SIMEI<sup>4</sup>(2019)*

Entender o que é o HIP-HOP seria compreender e tomar conhecimento de como este é gerado. No entanto, se faz necessário uma viagem no tempo, uma visita ancestral que abrace e contemple de fato o que realmente ocorreu em sua matriz/raiz em sua “real história” para que logo em seguida, o conceito central desta pesquisa fique claro.

Esta viagem no tempo, se inicia no país África do Sul, continente africano, tomado por tribos, que habitavam aquele lugar defendendo a todo custo suas terras e suas famílias, por questão de pura sobrevivência para que os mesmos não se extinguissem. Nesta luta incansável por domínio de territórios, existiam duas tribos africanas nas quais futuramente uma delas seria marcante e essencial na construção da cultura HIP-HOP, que eram os Zulus e os Hutus.

Os Zulus ou Zulos, viviam em territórios correspondentes a África do Sul, Lesoto, Suazilândia, Zimbábue e Moçambique que embora hoje tenham expansão e poder político restritos, foram no passado, uma nação guerreira que resistiu a invasão imperialista britânica e bôere do século XIX... Enquanto os Zulus a quando do início da colonização alemã, viviam em relativa harmonia no território que hoje é ocupado por Ruanda e Burundi, que tinham pele mais escura, menor estrutura e mais tradição agrícola.

---

<sup>4</sup> Simeí Andrade, é Professora Doutora da Faculdade de Dança da UFPA (FADAN), tem projetos voltados para área lúdica e de histórias e vivências amazônicas.

Imagem 1 - MAPA DO CONTINENTE AFRICANO



Fonte: Mapsafrica.com

Os Zulus e os Hutus, estavam entre as três maiores tribos africanas existentes no país, tribos essas que viviam em constantes guerras territoriais. Todavia, os Hutus aliados aos ingleses, lutavam pelas terras dos Zulus, que era um território tomados pelos diamantes foco do interesse dos ingleses, enquanto os Hutus, por sua vez, queriam as terras, mulheres e crianças dos Zulus, pensando deste modo em se estabelecer como a maior tribo da África do Sul. Os Zulus, também eram conhecidos por terem guerreiros fortes que pregavam em sua tribo lemas tais como: paz, amor, união e diversão, sendo estes mesmos lemas que atualmente regem a cultura HIP-HOP em todo mundo.

Nos Estados Unidos, na década de 40 a 50, bairros da cidade de Nova York como Bronx, Brooklin, Manhattan, Queens e Staten Insland eram arruados por diversos povos e etnias do mundo todo, tais como: Mexicanos, Jamaicanos, Afro-americanos, chineses, japoneses, latino-Americanos, porto-riquenhos-riquinhos entre outros. Enquanto que na África do Sul, a guerra era entre Ingleses, Hutus e Zulus. Este aglomerado de povos, encontravam-se nessa mesma situação, na cidade de NEW YORK inchando de tal modo os bairros, que tornavam as políticas sociais incapazes de abraçar a todos que ali residiam, o que fez crescer fortemente os problemas sociais que naquele momento tomavam força mediante a crescente população do bairro.

Imagem 2 - MAPA DA CIDADE DE NOVA YORK



Fonte: Mapseuro.comrt

Socialmente, o Bronx, começou a ser tomado por gangues e passou a ser um bairro marginalizado da periferia de Nova York, desembocando uma crescente onda de blackouts o que vinha facilitar os furtos praticados contra as residências e ao mesmo tempo a comercialização de entorpecentes. O bairro não contava com uma política cultural e muito menos tinha um plano para a redução da criminalidade no local.

Naquela época, neste bairro, existia um jovem que tomado pela criminalidade virou o aliado de uma gangue. Conhecido como Lance Taylor, mais tarde ganha o nome de Afrika Bambaataa. Este moço, partindo para conhecer suas raízes de antepassados na África do Sul, voltou (depois de um longo tempo nos Estados Unidos), como um revolucionário. A sua ida à África do Sul, foi um marco importante para a construção da cultura HIP-HOP e a mudança de seu nome, tem significados nos quais alguns adeptos desconhecem.

Kandimba (2013, p. 33, 36) nos conta que: “Inkosi Bambata ou Bambatha filho de Mancinza, foi um chefe, líder da rebelião armada em 1906, conhecida como a Rebelião Bambaataa”, que foi uma revolta zulu contra os domínios Britânicos e as imposições dos mesmos. O dito Inkosi Bambatha até hoje, é considerado um herói nacional do movimento de pós-apartheid da África do Sul, servindo de inspiração e resistência nativa sul africana, reconhecido como o precursor do movimento antiapartheid<sup>5</sup>.

Segue contando a autora, que seu nome vem do verbo africano Ukubhambatha que tem como significado o carinho de uma mãe para o seu filho, e por isso, Lance Taylor carrega consigo o nome de um rei Bambatha. É uma inspiração nativa na África do Sul, e que também serviu de inspiração para na época o Jovem DJ, ganhar um concurso de redação que resultou

<sup>5</sup> O movimento antiapartheid, foi uma revolta da tribo zulu, contra os domínios dos ingleses em território Sul Africano.

numa viagem até a África do Sul, colocando-o em contato com a tribo zulu de onde trouxe seus lemas de base tais como: Paz, Amor, União e Diversão para New York.

O HIP-HOP tem sua origem na cultura africana, por mais que sua difusão tenha se dado por diversas outras culturas e etnias, que no decorrer de sua história contribuíram para que o mesmo viesse a se tornar o que é atualmente, tendo as origens de seus elementos através do seu precursor Afrika Bambaataa, o que vem a ser o Real HIP-HOP, difundido pela organização mundial chamada Zulu Nation, que foi fundada na década de 70 pelo DJ Afrika Bambaataa, citado acima.

As expressões e traduções do que vem a ser a palavra HIP-HOP, tem algumas delas o significado de balançar os quadris. Para o vocábulo HIP em inglês tem a conotação de “o que está acontecendo no momento ou aquilo que esteja na moda”, enquanto que o HOP, seria um movimento de dança (LEAL, 2007, p. 36)

Deste modo tem-se ciência de que Hip-Hop significa um movimento que está acontecendo neste momento, aqui e agora e que apesar de muitos se referirem ao DJ Afrika Bambaataa, como o pai do Hip-Hop, a história mostra que na verdade ele foi o indivíduo que apenas sistematizou esta cultura, querendo dizer, que os elementos estavam ali o tempo inteiro! Ou seja, Afrika Bambaataa, apenas uniu os quatro elementos dentro da cultura, descobrindo ainda outros depois da criação.

O DJ Kool Herc e de sua irmã Cindy Campbell, muito conhecidos historicamente, seriam responsáveis pela primeira festa que se originou a cultura Hip-Hop. Nesta comemoração se encontrou diversos personagens do que seria hoje a OLD SCHOOL<sup>6</sup> do Hip-Hop moderno.

Cindy Campbell, morava no bairro do Bronx, com seu irmão jamaicano Kool Herc, que era um famoso DJ daquele bairro. Os dois, faziam festas fechadas dentro de sua própria casa. Todavia, Cindy, em um determinado momento da história, precisou entrar para escola, e foi nesta ocasião que tudo se desenhou para a criação da cultura Hip-Hop.

Afrika Bambaataa, também era morador de New York, depois de ter ganho um concurso de redação, que teve como prêmio uma viagem à África do Sul, em que teve fortes ligações com sua ancestralidade, em sua volta para os EUA, observou os inúmeros conflitos existentes em seu bairro e mediante a situação caótica resolveu transformar aquele ambiente confuso, em um ambiente de paz.

Nesta mesma época, Kool Herc junto com Cindy, resolveram organizar para divulgar esta cultura uma grande festa em sua casa pensando em arrecadar materiais escolares para que Cindy adentrasse na escola e foi neste momento que tudo se encaminhou para a primeira manifestação da cultura Hip-Hop, levando muitas pessoas a comprarem os ingressos da festa, entre elas, Afrika Bambaataa.

---

<sup>6</sup> Velha escola da cultura Hip-Hop, ou seja, os pioneiros que contribuíram e difundiram a mesma, não somente dentro de New York, mas em diversos outros lugares do mundo, sendo estes os mestres.

Nesta festa, ocorrida em 11 de agosto de 1973 na Sedgwick Avenida 1520, Kool Herc e Afrika Bambaataa, ambos DJ's, se tornam amigos, todavia Bambaataa faz uma proposta a seu novo amigo de transferir a festa de sua casa que já não possuía estrutura suficiente para abrigar tantas pessoas, para uma festa que acontecesse nos bairros e que as pessoas pudessem tocar, junto com Bambaataa.

Com a proposta em andamento, surge o primeiro elemento da cultura Hip-Hop que é a figura do Disque Jôquei, ou DJ. Com isso aparecem as famosas festas de ruas do Bronx, conhecidas como Block Party, que eram festas de quarteirão e que tinham o intuito de levar paz, amor, união e diversão para a comunidade.

Com o tempo, as Block Party, se tornaram festas famosas, passando a ser exportadas para outros bairros de New York. Com essa visibilidade e difusão e trocas de culturas, outros elementos foram se agregando a festa, tais como, o Mestre de Cerimonia, ou MC.

Este é responsável por manter a manifestação organizada, nas trocas de discos do DJ, que entravam para não deixar a energia se dissipar e que através de rimas de improviso animavam e levantavam todos os presentes durante o silêncio do Disque Jôquei e com isso, se firmou que logo era indispensável sua presença até os dias de hoje em um grande evento da cultura, pois, este que apresenta as atrações, anima o público e costuma dialogar através de rimas o contexto das periferias.

Dada a crescente preocupação pública com a ascensão do rap gangster no início dos anos de 1990, grande parte dos estudos iniciais do Hip-Hop emergiram em respostas às supostas ligações entre a música rap e a patologia social. Nas ciências sociais, essa postura reacionária resultou em uma série de estudos realizados por psicólogos e outros behavioristas que tentaram testar os efeitos do consumo de música rap nos jovens, na autoestima, na violência e na hipertextualidade". (HILL, 2014, p. 41-42)

A cultura Hip-Hop teve origem nas periferias de New York, dissipando guerras entre gangues e criando uma ferramenta social que pudesse abraçar, de certo modo, políticas emergenciais para aquele lugar, isto, na transição dos anos 80 para 90 em que a crescente onda de MC's estava ligada a algum tipo de gangue, que era comum dentro da cena cultural.

Os MC's com o tempo passaram a ter uma grande influência dentro do Hip-Hop, pois seus posicionamentos políticos influenciavam de fato, toda uma comunidade na qual acompanhava suas trajetórias dentro e fora dos shows como acontece até os dias de hoje. Dentro deste elemento, assim como os outros, existem subcategorias, no elemento MC existem os rappers, que são responsáveis por pensar a realidade da periferia e transformar versos prontos, através de rimas pensadas e não de improvisos.

Existem os MC's de batalhas que são aqueles que se utilizam de rimas de improviso durante um evento cultural, que podem ser o que chamamos de "freestyles", mas vale ressaltar

que o Mestre de Cerimonia nada tem a ver com a pessoa do rapper, pois sua existência se inicia anteriormente.

Perguntamos então o seguinte: *como MC influenciou a cena para a criação dos rappers?*

A forma do mesmo, começa a tomar sua devida importância em 1975, no bairro do Bronx em festas organizadas pelo DJ Kool Herc, garotos e meninos bem ousados se utilizavam do artifício das rimas de improviso, e como foi citado acima, interagiam com o público através destas.

Sendo assim, neste meio, surge o inigualável Coke La Rock, que é considerado o primeiro Mestre de Cerimonia do Hip-Hop americano, e deste modo, tornando-se responsável por frases que até os dias de hoje fazem parte da cultura, como as famosas: “Rock tha House<sup>7</sup>, To the beat y’all<sup>8</sup>, Rock on<sup>9</sup>, You don’t stop<sup>10</sup>”.

Logo depois de Coke La Rock, surgiu também nomes no universo das rimas de improviso tais como: Clark Kent e Lovebug Starski, que inclusive, foi o responsável por popularizar a expressão “Hip-Hop” antes mesmo do surgimento da cultura, quando em uma frase disse: “Hip-Hop till you don’t stop<sup>11</sup>”. Entenda que as batalhas surgiriam logo em seguida a isso na história por um MC chamado Buzy Bee.

“Tudo acontecia às mil maravilhas no “novo reino da cultura urbana”, até que um MC de nome Buzy Bee, resolve esquentar o clima, alegando que as rimas improvisadas de tons festivos estavam se tornando “coisa de marica”. Então no início dos anos 80, ele passa a fazer rimas desafiadoras contra outros MC’s. Tal prática, desencadeou no público um efeito ainda mais intenso que as antigas rimas. (DJ TR apud LEAL, 2007, p. 56)

Depois do reboiço de Buzy Bee na cena em 1987 o então rapper Kool Moe Dee, lança um álbum insano com algumas faixas que faziam rimas de forma de batalha contra o rapper LL Cool J. Neste mesmo ano o grupo Boggie Down Productions (BDP) lançam este mesmo estilo em suas músicas em total afronta ao grupo Juice Crew, que resultou em recordes de vendas dos seus LPs e Shows lotados.

Como constatamos antes, MC não é rapper, os primeiros rappers começaram a surgir em 1976, por meio do grupo The Furious Five, este grupo tinha produção e criação das bases do DJ Grand Master Flash, que passam a introduzir versos completos através de rimas, e que

---

<sup>7</sup> Casa do Rock.

<sup>8</sup> Para a batida em vocês.

<sup>9</sup> Arrase.

<sup>10</sup> Você não para.

<sup>11</sup> Hip-Hop até você não parar.

podemos denominar de rap, que significa “Rhythm and poetry<sup>12</sup>”. *Mas, um MC pode ser considerado um rapper?*

Sim! O Mc pode ser um rapper ou vice-versa, assim como qualquer membro ou adepto da cultura Hip-Hop pode se tornar e assumir mais de um elemento contido na cultura e isso levará em conta seus múltiplos talentos e dons, sendo assim, o elemento MC através do Dj se integrou a cultura Hip-Hop, por meio de um movimento revolucionário e reacionário.

Neste momento eram dois elementos estruturados a cultura, mas logo viria um chamado Breaking e é fortemente interessante dialogar sobre o mesmo, por conta de este ser a junção de vários gêneros e estilos de danças presentes naquela época, um deles é o chamado “UP Rocking”, dança esta criada em 1967 e 1969 pelos dançarinos Rubber Band e Apache, vale ressaltar que esta não era do Bronx sendo este o berço do Hip-Hop no mundo, essa vinha do bairro do Brooklyn.

Este estilo consistia na simulação de uma luta. Extinto no início dos anos 70, alguns de seus passos reaparecem junto as coreografias dos B-boys do bairro do Bronx (NY). Cabe lembrar que o dançarino de Up Rocking era denominado de Rocking. E esta dança passa a ser de extrema importância para as batalhas de Breaking que viriam logo em seguida. (DJ TR apud LEAL, 2007, p. 67).

O Breaking se constitui na junção de diversas danças existentes na cidade de New York, e uma pessoa responsável por fazer com que mais à frente o Breaking se tornasse um elemento da cultura Hip-Hop se chama Don Campbell, este responsável por criar a dança Locking no final dos anos 60 na cidade de Los Angeles, dança essa criada por acidente, pois, Campbell achava impossível interpretar corretamente os passos de “Funk Chicken<sup>13</sup>”. Sendo o dançarino de Locking denominado de Locker.

Outro nome importante nessa construção era o chamado Boogaloo Sam, que é o dançarino responsável por criar a dança Popping, todavia, vale ressaltar que esta dança é natural de Fresno na Califórnia, Boogaloo e que também foi criador do estilo “Boogaloo Style” em meados dos anos 70 denominado de passo “Back Slide” muito usado por Michael Jackson que atribuiu o nome de “Moonwalk” usurpando assim o estilo criado por Boogaloo. Este dançarino era e ainda é popularmente chamado de popper.

O termo B-boying, B-girling ou Breaking surgiu em 1975, todavia, mesmo que a nomenclatura tenha se popularizado como “Break Dance” erroneamente, a garotada do bairro do Bronx adotou e desenvolveu durante a década de 70 o estilo B-boying, na qual dentro das Block Parties em que se dançava ao som de ritmos latinos, soul, funk e jazz.

---

<sup>12</sup> Ritmo e poesia.

<sup>13</sup> Estilo popularizado por James Brown em suas apresentações em shows.

O interessante do elemento Breaking, é que ele foi uma dança criada por crianças e adolescentes, que não conseguiam dançar o Soul ou o jazz, muito presente naquela época sendo incorporado pelos mais velhos, sendo assim, acidentalmente criaram este estilo mais radical contendo acrobacias de ginastas, mímicas, estilização da capoeira, catarses de lutas marciais. O nome Break se deu, por conta, destes jovens especificamente dançarem ao som das “Break Beats” tocadas pelos DJ’s nas festas, o mesmo ambiente que faziam de palcos para suas performances e apresentações.

Devido a predileção destes jovens pelo momento instrumental oferecido pelos discos (Break Beats), aonde faziam das pistas das festas o seu palco principal. Ficaram então conhecidos como Break Boys ou B-boys. Já termo atribuído às mulheres é B-girl. Dentre tantas gangues de Breakin’ pode-se destacar a Rock Steady Crew como uma das mais populares em todo mundo. (DJ TR apud LEAL, 2007, p. 51-52)

Sendo assim, podemos observar como o Breaking se constituiu como um dos elementos consolidados dentro da cultura Hip-Hop, sendo este atualmente um dos mais vistos e que mais uni os demais elementos existentes.

*Mas, como o Graffiti se introduziu dentro da cultura Hip-Hop?*

O Graffiti originalmente carrega o nome de “Grafito”, podendo também ser considerado por historiadores a primeira forma de diálogo entre os seres humanos da face da terra, uma vez que por muito tempo, lá pelos séculos em que dinossauros ainda habitavam nosso planeta, ele já era usado para contar histórias.

Durante a década de 60 o Graffiti ainda era timidamente usado nas ruas da França e da Itália, vale destacar que Graffiti é tudo aquilo que esteja exposto em um muro ou parede, nesta época suas exposições ainda não eram como em tempos atuais com diferentes cores e grafismos, sendo utilizado uma só cor que era o preto.

Eram desenhos e letras pouco admiráveis de se ver e entender, pois suas exposições se davam de forma abstrata, porém, eram usados muito como formas de resistência a um sistema opressor e dessa maneira, o Graffiti na década de 70 reaparece nos Estados Unidos.

Bem diferente do estilo europeu, o estilo americano assume um formato muito parecido ao que vemos nos dias de hoje, estes, eram expostos em vagões de trem por gangues de bairros e eram conhecidos por andarem nos cinco bairros de New York, servindo como mensagens para gangues de outros bairros.

Neste período surge a “Graffiti spray Can art”, e começa a se consolidar no cenário americano de maneira mais frontal e colorido, sendo neste momento desenvolvido estilos de artes diversos, praticados pelos adolescentes negros e hispânicos dos bairros nova-iorquinos,



tendo como grandes inspirações nomes como: Vaughn Bodê<sup>14</sup>. Estes adolescentes buscavam por afirmação social inconscientemente, estilos de artes nos vagões dos trens, paredes de linhas férreas, prédios abandonados, muros e becos de New York.

Era como pular uma cerca, uma cerca escolar. Você escreve seu nome no pátio, espera o trem passar, e daí ganha o dia: Uau! Meu nome está viajando a cidade toda de Nova York, aquilo era algo surreal, imaginar que seu nome está sendo visto fotografado e gravado na memória de muitas pessoas e virando notícia. (Relato de KRS-One/ Rapper e Graffiteiro americano. 2000).

Com o tempo, foram se consagrando no cenário do Graffiti nomes como: Noc e Kase 2, Taki 183, Blade, Lee Quiñones, Phase 2, Lady Pink, Daze, Crash, Zephyr, que fizeram do Graffiti uma linguagem forte de uma juventude pouco vista pela sociedade e assistida pelos órgãos sociais, em um ambiente cercado por violência e drogas.

Saliento que, assim como existiam graffites de gangues, que aos poucos foram migrando para uma cultura de paz e que de certa forma, deixando de ser cometidos os mesmos delitos de antes, estes Graffiteiros conhecidos como “writers”, eram constantemente confundidos pela lei, como se fossem membros destas, pois muitos estilos de Graffiti serviam como demarcações de territórios.

O Graffiti foi evoluindo e mostrando cada vez mais as problemáticas de suas periferias, através dos grafismos em muros e paredes e diversos outros locais, tanto que, era possível ver a realidade de toda uma comunidade por meio das artes visuais, tornando-se uma forma de protesto por meio de uma ressignificação sensível e reflexiva da arte.

Deste modo, se deu a origem e história de todos os elementos da cultura Hip-Hop, fazendo com que ela chegasse a se tornar o que é hoje, ou seja, um movimento gigantesco que agrega não somente a arte, mas (re)significa o ser humano em sua capacidade de pensar e agir com o que lhe é compartilhado enquanto conhecimento fazendo refletir acerca de tudo aquilo que está em sua volta, tornando de maneira inigualável a cultura como agente transformador.

## 1.2 HIP HOP o que é?

*“É uma brecha no sistema”*

---

<sup>14</sup> Cartunista muito popular na época, que retratava em seus quadrinhos um mundo de magia e fantasia, num ato de protesto à guerra do Vietnã.

Hip-Hop é uma cultura de quatro elementos, que se constituiu enquanto uma sociedade, em que existe seus meios próprios de se vestir, agir, gesticular falar e andar, e que costumamos dizer que se trata de um grito daqueles nos quais os governantes tratavam como excluídos. O termo Hip-Hop foi criado pelo amigo de Afrika Bambaataa chamado Love Bug Starski, esta definição do movimento se deu, por conta de todos os elementos que surgiram logo em seguida.

O surgimento do movimento hip-hop organizado mundial está diretamente vinculado à fundação da universal zulu Nathion em 12 de novembro de 1974, onde reuniria: DJ's, dançarinos, MC's, grafiteiros, com sede na avenida sedgwick,1520, no Bronx. Com o lema paz amor união e diversão com responsabilidade, a entidade desenvolveu dinâmicas por meio da dança música e artes plásticas, também promoveu palestras, as infinity lessons (lições infinitas), sobre temas como: matemática, ciências, economia, prevenção às drogas e doenças, entre outros. A ideia é transformar positivamente o comportamento dos membros de gangues de rua e assim tornar do negativo para o positivo gerando uma conscientização social. (LEAL, 2007, p. 24- 25)

É uma cultura híbrida que se desenvolve e se adapta no meio que está inserido, ferramenta social que tem como fator principal, a potencialização de valores, respeito e talentos que antes não seriam explorados por outro meio, se não pela cultura, arte e demais fatores que o norteiam.

Capaz de transformar comportamentos antes negativos em potencias e esmiuçando para diversas áreas do saber, gerando conscientização social e conhecimento híbrido acerca de si própria e do meio que a rodeia, sendo esta diversa e múltipla em seu campo de atuação e entendimento. Para alguns, é nada mais que sua vida, para outros, seu alimento, existem também aqueles, que, o têm, como o seu trabalho principal, não importando a finalidade da cultura, todavia, sabendo que de algum modo, interfere diretamente à vida e o meio social de todos os seus adeptos, inclusive atualmente no esporte olímpico.

Poderíamos nos perguntar: *como o Hip-Hop em tão pouco tempo se tornou essa potência no mundo inteiro? Seria por conta de que este prega lemas, nos quais, costuma unir pessoas, culturas, línguas, afetos ciências e saberes específicos?*

“Atiraram pedras no meu paraquedas,  
Me esborrachei acho que quebrei as duas pernas,

---

<sup>15</sup> MC integrante do grupo musical “Racionais MC’S”, sendo este considerado um dos maiores grupos de rappers do Brasil, Mano Brown é uma figura de respeito e pioneirismo dentro da cena rap no país, sendo este um dos mais conceituados pensadores do movimento Hip-Hop.

Sinto que quebrou muita dor no maxilar,  
 Mas a fome é maior que a dor ainda posso mastigar,  
 Eu também sinto essa fome de tudo,  
 Todo mundo tem fome de tudo no mundo,  
 Todo é ter fome é o nome do mundo,  
 O povo tem nome para tudo e o mundo tem fome de novo”.  
 Froid – Negro é foda

Neste trecho do autor, descreve com bastante ênfase o que o Hip-Hop passou para chegar até aqui. Mc Froid, na música Negro é Foda, mostra logo no primeiro trecho deste verso acima, o quão a cultura foi marginalizada e ainda é visto que a sociedade elitizada tende a marginalizar tudo aquilo que vem da periferia. Portanto, Hip-Hop é uma cultura de resistência, foi criada com este intuito nas periferias do Bronx, tomou proporções mundiais, mas ainda assim, não perdeu sua essência, e manteve assegurado o poder do diálogo, através da arte em um sistema opressor.

E mesmo muitas vezes nos esborrachando como diz o Mc acima, e eles quebrando nossas pernas, continuamos como cultura que resiste, pregando lemas importantes advindos de nossos ancestrais africanos. Paz, amor, união e diversão, sim sentimos fome, de tais sentimentos e afetos.

Hip-Hop é alimento, e quando nos referimos a alimento não necessariamente estamos fazendo alusão a algo sólido que nos dá energia quando consumimos, mas estamos falando dessa fome que o mundo passa, fome de arte, lazer, amor, paz, união, diversão, fome está que consome o ser humano, mas do que a própria fome fisiológica. É esta fome que a cultura, tende a suprir, muito presente nas inúmeras periferias do mundo, e ai, quando alguém pergunta *o que é Hip-Hop?* A resposta é tão complexa que daria livros e livros, explicando que o mesmo é nosso tudo.

“Eu vi minha rua de terra virar asfalto,  
 O coração de algumas pessoas virarem concreto,  
 Cidade de pedra construíram muros,  
 No meio da ponte que ligava empatia e afeto,  
 Eu vi uma arma, antes de conhecer um versículo,  
 Corpo baleado antes de aprender a ler é,  
 Aos 20 entregar o primeiro currículo,  
 Sobre tua opinião vai se, ela e você,  
 Minha Bic, forma Ritmo e poesia.  
 Coruja Bc1 – Auxilio Emergência do Rap

O Hip-Hop é a válvula de escape que nos permite sonhar, é a ferramenta que nos apropriamos para relatar problemáticas sociais que vivemos, para conseguir melhorias a periferia. É o meio que aprendemos histórias, criamos afetos, nos empoderamos e nos

especializamos, em Arte educadores, psicólogos, professores, artistas, atletas, entre outras inúmeras profissões encaminhados pelo Hip-Hop.

*Mas, o que é o Hip-Hop pelo viés social?*

É uma ferramenta importante no combate real da criminalidade e do enfrentamento direto as drogas, do trabalho infantil e da exploração sexual. É um forte aliado ao combate do racismo, pois visa ações efetivas dentro da comunidade trabalhando diretamente na intervenção de tais males, elevando o tema para toda uma sociedade, buscando o entendimento de que não se trata de uma cultura de marginais, mas de agentes sociais reais, que tem como objetivo central priorizar as políticas públicas que beneficiam a periferia.

O Hip-Hop, pelo viés educacional, é o agente formador de opinião e de formação concreta de indivíduos que antes não tinham nem uma perspectiva e oportunidade, mas, que agora conseguem se encaminhar através de seus estudos, para um futuro promissor em suas determinas áreas de conhecimento, se fazendo refletir, acerca de tudo aquilo que o rodeia, se transformando em verdadeiros professores e educadores de um saber popular, que dialoga e se modifica por meio da educação, que é um direito garantido pela constituição, mas que ainda sim, poucos têm acesso.

Todavia pelo viés artístico, é a arte que toca e encanta o indivíduo, através de letras musicais, poesias, artes visuais e o movimento do corpo, por meio da dança. É aquilo que consegue mexer consciente e inconscientemente com uma pessoa, é o que transmite nossa dor, raiva, amor, afeto, respeito, admiração, diversão, paz e união.

A arte tem o poder de transformar a visão de mundo de um indivíduo, situa-lo quanto ao meio que vive, tocar o seu íntimo, mexer o sensível projetando coisas boas e ruins, portanto, por meio da arte, é possível transgredir alguns dogmas, fazer pensar e refletir sobre situações. Tem também, a capacidade de ser crítica, ao mesmo tempo que sendo simples, bela, suave, rústica e grotesca.

Porém no desportivo é um esporte de alto rendimento que visa elevar o corpo do atleta ao ápice da sua força e equilíbrio, no qual conecta todo o potencial e originalidade de um indivíduo em algo explosivo, que cada vez mais se expande em energia na sua execução. Este mesmo fruto de estudos anatômicos e fisiológicos, feitos para que cada vez mais, o indivíduo se torne uma potência no esporte, desenvolvendo e trabalhando todo o seu potencial atlético para alcançar bons resultados.

A diversidade étnica foi usada por seus mentores para educar e apresentar uma ordem de um novo pensamento periférico, que ajudou a diminuir a violência entre as gangues da maior cidade dos Estados Unidos, Nova York. O hip hop tinha claramente propostas de inclusão social jovens e ideias revitalizadoras, porque estavam baseadas em novas linguagens e objetos de expressões no âmbito das artes, daí a importância de se entender sua real história sua identidade e seu crescimento e diversas áreas de ação. (LEAL, 2007, p. 14)

O que o autor enfatiza, é que desde os primórdios a cultura tem o fator social como ferramenta principal de trabalho, com intuito de diminuir a violência e a criminalidade dentro das periferias, as propostas que existiam desde o início apenas se intensificaram no decorrer do tempo, fazendo deste modo com que o Hip-Hop se tornasse esta grande caixa aberta, capaz de dialogar e adentrar áreas de conhecimentos distintas.

Hoje pode ser acompanhada dentro das esferas políticas com leis de incentivo à cultura, arte e lazer se tornando cultura imaterial do planeta, através de longos anos beneficiando, a classe periférica dos países em que se faz presente, entendendo cada contexto social que está inserido, buscando certa forma, combater de maneira eficaz através de informações, conhecimento e expressões artísticas.

Segundo Marc Lamont Hill (2014, p. 17) “A conexão genuína como uma estratégia de definição para o desenvolvimento de identidades, permite usar o Hip-Hop para desenvolver o pensamento e ampliar a visão de mundo dos alunos”, em que se observa que a cultura Hip-Hop em si permite dá conta de muitos assuntos e saberes distintos, o que o torna muitas vezes em uma literatura de ensino e educação que difere do ensino tradicional baseado em autores e saberes mais atuais que abraçam questões identitárias.

Dentro das esferas educacionais permite que os discentes se desenvolvam, não como um método de apenas receber conteúdos, mas, também, de ampliação de habilidades e compreensões, tendo a cultura como competência de conhecimentos para assim desenvolver experiências e ter sucesso no âmbito educacional.

E a consciência sociopolítica se refere às formas que os estudantes empregam a sua aprendizagem para fornecer respostas aos problemas do mundo real. O trabalho de Marc Lamont Hill é um grande exemplo de ensino culturalmente relevante. Ao invés de escolher um grupo de canções de rap “populares” como chamarizes para atrair os alunos para que eles sejam cordatos e cooperativos na sala de aula, este procura por temas duradouros e compreensivos, que definem a luta e a vida urbanas. (HILL, 2014, p. 18)

Não é de hoje que a cultura Hip-Hop trabalha metodologias de sala de aula, este trabalho árduo é importante em meio às transições educacionais do século XXI, que visa fortalecer o pensamento crítico e a consciência sociopolítica atrelada a respostas do que vivemos atualmente.

Os métodos de ensino diversos em que conseguiu se hibridar até os dias atuais, servem como ponte para conhecimentos ainda pouco explorados, mas, com grande potencial “Este desafia os educadores a pensarem além das construções estreitas de pedagogia, que dependem de estratégias prescritivas e roteirizadas” (HILL, 2014, p. 19)

Chega com uma visão transformadora não só para o discente no seu âmbito educacional, mas, também, para o professor enquanto indivíduo que compartilha saberes, que ao invés de tirar estes através de um “resgate” cultural de suas comunidades, visa empurrar os educadores para mais perto dessas realidades culturais e sociológicas.

Com planejamentos a partir de uma variedade de tradições, pesquisadores e profissionais têm efetivamente demonstrado a variedade de formas em que os contextos educacionais são reforçados quando o Hip-Hop e outras formas de cultura popular se tornam parte do currículo escolar formal. (HILL, 2014, p. 38).

“Se apresenta, politicamente como sistema orientador por meio do qual os jovens adquirem “autoconhecimento” e promovem intervenções práticas no plano mais imediato”. (SCANDIUCCI apud SILVA, 2006, p. 02). Sendo assim, por esse viés a cultura promove conhecimento de tudo aquilo que está em volta, intervindo com práticas que muitas vezes garantem determinados direitos e promovem o bem-estar social da população em geral.

Muito se fala de uma estética periférica em que o seu pertencimento se dá por meio de pessoas pretas e de baixa renda oriundas de favelas e comunidades carentes, mas com a popularização do Hip-Hop e o seu árduo trabalho de descentralização em busca de ocupar ambientes elitizados, cada dia mais vemos a cultura rodeada e sendo visitada por diversos estereótipos.

O tempo se passou e o que vemos atualmente é uma cultura periférica sendo comercializada, tanto suas músicas, como tudo aquilo que a cerca e a define como tal, isso se dá muito pela luta da descentralização. Cada dia mais vemos o Hip-Hop adentrando ambientes antes ditos como elitizados, mas que com o amadurecimento e luta das classes menos assistidas, assim como movimentos sociais e a crescente popularização da estética preta, este se torna mais acessível e o que antes era marginalizado, agora é apropriado e tomado pela elite onde está por sua vez, vende e se beneficia da mesma.

Com tudo reafirmamos que é uma cultura advinda dos ancestrais africanos, mas que com sua popularização e comercialização se tornou uma cultura de todos, assim como é capaz de se hibridar com inúmeras culturas pelo mundo, também pode por sua vez ser ressignificada, trabalhada e executada de diversos modos, gêneros e estilos diferenciados.

Mas, assim como toda e qualquer cultura tem seus lemas, preceitos, normas e modos de se fazerem presentes dentro da sociedade, uma vez que se estabeleceu como tal, contudo, seus tradicionalistas, amantes, adeptos e demais membros não toleram um pertencimento que transgrida a real configuração da sua estrutura, pois o mesmo é uma cultura de paz, amor, união e diversão, que contém regras, estilo, jeitos e formas de se apresentarem ao mundo, que de modo algum devem ser distorcidos.

### 1.3 HIP-HOP e o surgimento no Brasil

No Brasil o Hip-Hop surge em 1984 através de Nelson Triunfo, na rua vinte e quatro de maio, e por volta da praça Rossevelt<sup>16</sup>, em que os encontros aconteciam, embalados de muitas músicas e diversão LEAL, 2007, p.14, diz que: “Está história começa a ser contada de maneira própria, em sua organização, divulgação e manifesto, mesmo que politicamente muitas vezes explorada e comercialmente ainda sem a contundência que merecia ter para as massas”.

Como todos sabemos não existe um escrivão no momento que a história vai acontecendo, mas, está se mantem no fluxo natural, sendo executada independente se é ou não documentada o que ocorreu em âmbito nacional no Brasil, é que de maneira própria seus pioneiros foram se transformando e contando este conto. Como o Hip-Hop é uma grande família de forma muito orgânica esta história foi se auto documentando através dos relatos dos próprios adeptos.

A organização ocorria naturalmente entre eles, as inúmeras divulgações e manifestos foram impulsionando cada vez mais a cultura para um patamar gigantesco, muitas das vezes tendo pouca estrutura para seus treinos e suas manifestações artísticas. Comercialmente e politicamente não tinham tanta atenção das esferas governamentais, até mesmo pelo contexto político em que o Brasil estava passando.

Se tratava lá no início de uma cultura com potencial social enorme, mas que ainda vista como algo periférico marginalizado pelas massas, quando falamos de rap<sup>17</sup> por exemplo, era impossível antigamente se pensar em viver do mesmo, pois, comercialmente não se tinha um mercado como hoje que consome em excesso músicas do gênero Hip-Hop.

E com o elemento Breaking naquela época não existia diferenças, além de ser taxado como um movimento de “desocupados” e muitas vezes de “malandros” e “marginais”, ainda era impossível se viver desta arte, mesmo que esta proporcionasse dentro das comunidades um trabalho social, buscando a diminuição da criminalidade.

Somente com o impulsionamento das grandes mídias, o Breaking pode ser vistos com mais frequências e alcançou alguns espaços através de muita luta de modo, que seus adeptos tiveram que organizar-se para que esta evolução acontecesse para que a cultura não viesse a morrer.

Na década de 80 a “Febre do Breaking” no Brasil, ganhou força e expansão através de filmes como Beat Street, expandiu-se tanto a ponto que a dança se tornasse uma manifestação popular, se espelhando deste modo, a grande tendência mundial que ocorria na época.

Apesar da febre do break não estar direto na mídia, a fama da estação de metrô São Bento conhecida como meca do Hip Hop, em São Paulo, continuará a se espalhar. Entre 1985 e 1986, mobilizando um número maior de jovens que de

---

<sup>16</sup>

<sup>17</sup> Manifestação artística da cultura Hip-Hop do elemento Mc, que busca através de rimas e letras posicionasse politicamente, levando problemas que surgem na realidade da periférica.

longe dos seus bairros já vinham praticar passos de break e arriscar técnicas de discotecagem, rascunhar as primeiras rimas e esboçar traços de graffiti, mesmo que não entendessem direito o que aquilo tudo significava ou em que poderia se transformar. (TRIUNFO, 2014, p. 225).

Depois da praça Rossevelt com a expansão da cultura, os seus membros e adeptos iniciam um movimento forte no Metrô de São Bento localizado na cidade de São Paulo, o mesmo que hoje é considerado o berço da cultura Hip-Hop no Brasil. Com o tempo mídias locais começaram a visitar o local, e com isso tornaram a ascensão do conhecido Meca do Hip-Hop, entre os anos de 1985 e 1986 o espaço se torna um ambiente de encontro e troca de conhecimento sobre a cultura.

Jovens de todas as partes da cidade de São Paulo e cidades vizinhas começaram a visitar o local, afim de levar e trazer conhecimento para seus respectivos bairros, e com isso o Metrô de São Bento se tornou o berço da cultura Hip-Hop, de modo, que os seus encontros lotavam o ambiente. Era um espaço democrático onde existia vez para todos os elementos da cultura, onde B-boys praticavam passos de Breaking, alguns arriscavam técnicas de discotecagem no elemento DJ, outros lançavam seus primeiros esboços de rimas e letras no elemento MC e existiam também aqueles que arriscavam traços no elemento Graffiti.

O Filme *Beat Street*, serviu de um grande dicionário de estudos da cultura Hip-Hop no Brasil, sendo este uma mídia fundamental e importante para o avanço da compreensão do que viria ser essa cultura de quatro elementos. (TRIUNFO, 2014, p. 126) Existiam personagens importantes como Afrika Bambaataa, que verbalizou a palavra “Hip-Hop”, Grand Master Flash que transformou o cenário de discotecagem com suas criações, outros como: Doug e Fresh, Jazzy Jay, Soul Sonic Force, Rock Steady Crew e New York City Breakers.

Nelson Triunfo é considerado o grande pioneiro da cultura Hip-Hop no Brasil, juntamente com o seu grupo “Funk Cia” em 1984 no programa da rede globo “Fantástico”, faz uma grande cobertura sobre um desses encontros promovidos na cidade de São Paulo, onde já nesta época representavam com passos de Breaking e alguns outros elementos da cultura Hip-Hop.

O fato importante é que outros estados começaram a se espelhar também no grupo de Nelson Triunfo, e não somente nos estadunidenses, (SANTORO apud TRIUNFO, 2017, p. 30) nos relata que na época “as nossas inspirações não vinham apenas dos Estados Unidos, mas também do Brasil, especificamente de São Paulo, o grupo de Nelson Triunfo (Funk Cia) nasceu no DF e se mudou para São Paulo. Funk Cia. são realmente uma Lenda no País”.

Com o tempo adeptos do Hip-Hop de outros estados queriam está também presentes naquele espaço cultural, onde reunia cada vez mais pessoas para aprenderem e desenvolverem tanto o Breaking, como outros elementos da cultura, como: MC, Graffiti e DJ. Com isso a Estação São Bento começou a receber adeptos de todos os estados brasileiros, tornando desta forma o maior encontro do Brasil.



Logo não demorou para que eventos fossem realizados, assim como apresentações artísticas do Brasil todo, onde B-boys, DJ's, MC's e Graffiteiros se tornavam grandes nomes no cenário nacional e também internacional, por estarem fomentando a cultura no país.

Além das apresentações artísticas e disputas entre B-Boys, este primeiro grande evento público do Hip-Hop em São Paulo também teve mostra de Graffiti, performances de beatboxing e premiação para o dono do maior Bombox presente, entre outros atrativos. Foi uma tarde inesquecível, que consolidou a força e o poder de organização da cultura Hip Hop. (TRIUNFO, 2014, p. 255)

O autor acima nos fez ter uma visão do que o Hip-Hop se tornou no Brasil em tão pouco tempo de atuação, a troca de saberes e conhecimentos empíricos era o que movia a cultura cada vez mais a frente, imaginem uma grande família, na qual, o seu tataravô tem uma tradição que é dançar um passo inventado por ele chamado ilusoriamente aqui de “Xifu king”, o seu bisavô aprende este movimento e implementa algo mais para que seja ensinado para o seu avô.

Essa tradição e aprimoramento do “Xifu King” chega até o seu pai com o nome de “Xifu king off”, esse passo em 4 (quatro) gerações e aperfeiçoado e repassado, fazendo com que chegue até você de forma mais mastigada e de fácil ensinamento e de aprendizagem, agora imaginem essa mesma ideia com a cultura Hip-Hop, no qual, troca de saberes era constante ao mesmo tempo em que era repassada para as novas gerações.

O que vemos atualmente, é uma cultura de saberes empíricos mastigados em formato de tradição, em que cada geração se esforçou bastante para que a próxima fosse contemplada com uma forma de aprendizagem menos dolorosa e maçante, de modo, que em momento algum perdesse a essência do criador, tomem para si o quão fantástico e agregador de valores isso é, sendo que a leitura e esquematização de conhecimento acerca disso é algo recente.

Não estava escrito em livros, muito menos tinha uma forma certa de aprender e ensinar, tudo não passava de “aqui e agora”, como o vocábulo da palavra “Hip” da cultura Hip-Hop, contudo, são novos tempos, ares, tecnologias e metodologias avançadas o Brasil, por sua vez, se tornou essa potência que exporta artistas, B-boys, B-girls, Graffiteiros e MC's. Sendo uma referência atualmente no exterior por seus inúmeros talentos.

## **CAPITULO II: OS PILARES PARAENSES**

Neste capítulo iremos esmiuçar um pouco mais essa história e para isso, nos transportaremos até Belém-PA, onde iremos nos deleitar com imagens de uma cidade e pessoas que construíram o cenário atual do Hip-Hop.

Como toda cultura exportada de outro lugar, necessário se faz saber quem exportou e como se exportou. Contudo, explicaremos cada detalhe de como iniciou e se esquematizou a cultura Hip-Hop em Belém do Pará, quais seus lugares de “origem”, lugares de encontro,

diversão, reuniões, seus principais pioneiros, grupos, como se difundiu, expandiu e se concretizou até se estabelecer nos dias de hoje.

## 2.1 Hip-Hop em Belém Do Pará

Imagem 3 - MAPA DE BELÉM-PA



Fonte: Fiadigital.blogspot

Existem poucos conteúdos teóricos acerca de como o Hip-Hop, iniciou em Belém-PA, mas, através de entrevistas diretas e argumentativas juntamente com os pioneiros ainda vivos, pude levantar dados de como disseminou a cultura no estado. Muito sabemos que a cultura Hip-Hop, teve sua expansão territorial para todo o globo através da mídia, como sabemos também que o papel desta, muito ajudou ao mesmo tempo que atrapalhou o processo. Filmes como, Breaking 1, Breaking 2 e Beat Street, tiveram grande importância nesta disseminação mundial.

“Em 1983, iniciou-se as primeiras informações sobre o Breaking, através de cliques musicais e cenas de filmes do cantor Leonel Ritchie, tinha cenas de dançarinos praticando a dança, e os filmes de 1983, a ter cena de Breaking foram o Flash Dance e o filme FootLoose, o filme Flash Dance, teve grande impacto e divulgação do Breaking como a trilha musical Just Beging, a participação da Crew Pioneira Rock Stady Crew, No início de 1984 foi lançado o filme Breakdance, foi um grande impacto, porque todos usavam o mesmo estilo dos dançarinos e seguiam todos os movimentos do filme, o segundo filme lançado foi o Beat Street, que introduziu mais a cultura Hip-Hop e o elemento B-boy e B-girl, sendo que este filme foi lançado em New York, e o filme Breakdance foi lançado em Los Angeles onde existia mais a

dança Popping e Locking que no filme era apresentado”. (Relato de Ivan Pires<sup>18</sup>, 2022.)

Em meados dos anos de 1984 lançou no Cinema Olímpia<sup>19</sup> o chamado Filme Beat Street, alguns pioneiros da época como Armando<sup>20</sup>, ao assistir este conteúdo midiático nas telas se encantou pela cultura e surgiu o desejo de reproduzir do seu próprio jeito a mesma, em Belém.

No intuito de reproduzir a cultura Hip-Hop em Belém-PA, mesmo sem ter tanto conhecimento de como a mesma se apresentava em sua real estrutura, se iniciou um movimento cultural do elemento Breaking, e buscando se espelhar com o que tinha de deste conhecimento, disseminou de forma rápida pela cidade, o que muitos chamavam de “Febre do Breaking”.

”naquela época foi lançado o filme Beat Street, no famoso Cine Olímpia, tudo começou a mudar depois desse filme, muitas pessoas da cidade tiveram acesso a ele na época, existiam dançarinos pioneiros da cultura Hip-Hop dos EUA, nos quais atuavam no filme”. (relato de ARMANDO PANTOJA<sup>21</sup>, 2021)

Era bastante comum a visita das pessoas aos cinemas da cidade de Belém, pois imaginem um cenário, no qual, a internet não existia e a única forma de se ter acesso a determinados conteúdos midiáticos televisivos era por meio destes. Nestes cinemas, mas especificamente o Olímpia foi palco de muitas produções de filmes internacionais, um fato curioso sobre a disseminação do Hip-Hop, pois, foi através deste que se implantou a “Febre do Breaking”.

---

<sup>18</sup>Ivan Pires um dos pioneiros da cultura Hip-Hop no Pará.

<sup>19</sup> Cinema antigo da cidade de Belém, considerado um dos primeiros cinemas do estado do Pará.

<sup>20</sup> Armando Pantoja, criador do primeiro grupo de dança do Pará chamado Electro Boys, sendo este considerado por muitos, um dos pioneiros da cultura Hip-Hop em Belém.

<sup>21</sup> Considerado um dos pioneiros da cultura Hip-Hop da década de 80 no Pará.

Imagem 4 - CINE OLÍMPIA<sup>22</sup> NA DÉCADA DE 80 A 90



Fonte: Nostalgia

*Mas, o que era a chamada “Febre do Breaking”?* No filme *Beat Street*, mostrava a vida de dançarinos dos estados unidos, mais precisamente dos bairros periféricos da cidade de New York, onde existiam encontros para que eles aperfeiçoassem suas técnicas de dança Breaking, Popping e Locking. No filme os atores que eram dançarinos pioneiros da cultura tinham um estilo de vida baseados em determinados fundamentos da cultura Hip-Hop.

Buscando espelhar se a esses atores/dançarinos, os pioneiros paraenses copiavam o mesmo estilo de vida destes, seus modos de se vestir, gesticular e falar, muito parecido com o que acontece hoje com a cultura do K-pop<sup>23</sup>, sendo esta uma cultura adolescente atual. Ressaltamos que o elemento Breaking é o que movimenta a cultura Hip-Hop, é a expressão artística responsável por elevar o corpo a um contexto de arte homogêneo.

Então o que ficou conhecido como “Febre do Breaking”, foi especificamente o espelhamento dos pioneiros paraenses para com os atores do filme *Beat Street*, com intuito de serem exatamente como aqueles atores/dançarinos e com isso nasceram os primeiros grupos de Hip-Hop, fundamentados em estruturas que estes observaram no filme.

“Foi tão impactante o filme *Beat Street*, que nós os ditos pioneiros, começamos a treinar a dança em nossas casas, e começamos também, buscar tudo que se relacionava aquela cultura, então começamos a consumir tudo que se tratava de Hip-Hop, ou o que se parecia com o mesmo. Até nosso modo de vestir mudou”. (relato de ARMANDO PANTOJA, 2021)

<sup>22</sup> Um dos mais antigos cinemas do Brasil ainda em funcionamento.

<sup>23</sup> Cultura Coreana que contém seu próprio jeito de se vestir, falar, dançar e cantar, onde seus adeptos por meio do espelhamento de seus ídolos buscam se igualar aos mesmo, em seus jeitos e formas e aparências.

Imagem 5 - CAPA DO FILME BEAT STREET



Fonte: Olímpia.com

Ainda com pouco conhecimento de nomenclaturas sobre as técnicas da dança presente na cultura Hip-Hop, os pioneiros de Belém, começaram a nomear estas com nomes mais paraenses, a exemplo disso é o “Swipes<sup>24</sup>”, que no Pará ganhou o nome de “Ventilador”, pois, na noção de muitos da época a movimentação dava a entender que seria a forma de um ventilador girando.

Em muitos bairros começaram a ser disseminado a cultura Hip-Hop, mas o que impulsionou de vez para que o cenário atualmente fosse consolidado, foi exatamente a mídia local, sendo assim a questão midiática mais uma vez se tornando fundamental para a cultura Hip-Hop expandir-se.

“Conhecia muitas pessoas da TV cidade e algumas outras da Rádio Cidade Morena FM da época, com a Febre do Breaking cada vez mais se expandindo por Belém, muitas destas pessoas tinham curiosidade em saber quem eram as pessoas que alimentavam esse tipo de movimento por aqui, em uma conversa longa com um dos diretores da radio tivemos a ideia de criar um concurso, que pudesse ser no estilo de caravana, o rapaz da radio abraçou a ideia e assim

---

<sup>24</sup> Técnica do Breaking da categoria de Power Moves, ou seja, movimentos que exigem força, equilíbrio e rotação.

nasceu a Caravana Street dance da Rádio Cidade Morena”. (relato de MARQUINHOS<sup>25</sup>, 2021)

A Caravana Street Dance da Rádio Cidade Morena, foi um marco difusor da cultura Hip-Hop em Belém do Pará, através dela, outras pessoas puderam ter um olhar acima de tudo, social para cultura e entre tantas coisas boas que esse marco trouxe, foi a fama repentina de seus pioneiros e é claro do campeão do concurso da época.

Com isso os personagens principais do pioneirismo paraense, ficaram conhecidos em diversas periferias de Belém, que na época chamavam a cultura Hip-Hop de “Febre do Breaking”, esta febre durou até os anos 90, foi quando adeptos e pioneiros começaram a ter mais conhecimento e acesso do que seria realmente o Hip-Hop.

A expansão de conhecimento e mais adeptos sendo integrados ao movimento, iniciava em Belém as grandes festas com a presença dos DJ’s, estes mesmos decisivos para que a ascensão do Hip-Hop Paraense se consolidasse. Na época, existia uma casa de shows muito conhecida chamada de La Creme, que se localizava na Avenida Generalíssimo Deodoro esquina com a Avenida Nazaré, era neste canto, na praça da Republica, que jovens se encontravam no fim de semana para dançar.

Sobre mixagens dos DJ’s Lobo da Shock, Tarrika, Roberto Funk do Carrossel e Magal Sid da Chopp House, aos poucos a difusão da cultura HIP-HOP foi se expandindo em Belém, e cada vez, mais adeptos foram se apropriando desta cultura estadunidense. Com isso iniciaram os encontros em praças da cidade, como a praça do Can em Nazaré, a praça da Republica.

“Naquela época para que pudéssemos dançar por um período longo nos encontros que fazíamos nas praças, tínhamos que comprar pilhas para a alimentação do nosso Bombox, isso nos concedia mais ou menos 1h de encontro, como as pilhas tinham um tempo máximo de alimentação, sempre comprávamos muitas pilhas, que na época eram bem caras, consideradas um luxo no nosso meio”. (relato de IVAN PIRES, 2021).

---

<sup>25</sup> Considerado um dos pioneiros da Cultura Hip-Hop no Pará anos 80.

Imagem 6 - PRAÇA FLORIANO PEIXOTO BAIRRO DE SÃO BRAZ



Fonte: Oliberal.com

B-boys, foram tomando para si, ambientes públicos, tais como, as praças do CAN no bairro de Nazaré e a praça de São Braz, ao som de fita os Break Beats eram tocados. Grupos como Electro Boys e American Breaks, Brazillian Break e outros adeptos, faziam destes encontros verdadeiros Shows Cases a céu aberto, em que trocavam conhecimento e treinavam técnicas diversas de dança.

Vale ressaltar que os Electro Boys, foi uma nomenclatura exportada de outro bairro da cidade, visto que existiam muito grupos de nomes iguais, por isso, era possível esbarrar naquela época com mais de três grupos com a mesma nomenclatura, atuando ao mesmo tempo em diferentes lugares, não se podendo afirmar que determinado grupo foi pioneiro, pois ambos não sabiam da existência um do outro. Todavia, o que podemos afirmar, é que ambos os grupos e pessoas eram pioneiras, pois, mesmo não sabendo da existência do outro, estes atuavam simultaneamente em espaços e localidades e bairros diferentes. Exemplo disso é quando B-boy Fera, exporta Electro Boys do Bairro da Pedreira em Belém, para o bairro da Terra Firme.

“Um belo dia eu estava caminhando pela Pedreira, quando me deparei com um grupo de dança chamado Electro Boys, fiquei encantado com o que vi, eram saltos, passos de dança ao som de James Brown e Kool Herc, eram giros de mão, footworks, wavers, era uma coisa de doido, fiquei ali parado por horas observando, me aproximei deles e conversei um bom e longo tempo com todos ali presente, ao final me interessei tanto por aquilo que acabei levando a



cultura Hip-Hop sem saber para o meu Bairro Terra Firme”. (relato de B-BOY FERA<sup>26</sup>, 2019)

Quando acontece a exportação da cultura de um bairro para o outro através do elemento Breaking, Belém inicia sua ascensão rumo ao que encontramos nos dias atuais, um Hip-Hop extremamente potente e reconhecido no mundo inteiro, isso se deu muito por conta de existir no Pará, personagens que tinham vínculo direto com o que estava acontecendo nos Estados Unidos. A capital paraense era privilegiada por exportar fitas cassetes e discos de vinil diretamente do Berço do Hip-Hop no mundo.

A ascensão do Hip-Hop paraense rumo a uma história marcante e a um cenário potente, inicia-se quando B-boy Fera juntamente com seu irmão B-boy Maluquinho, decidem criar o grupo Electric Boys que segue até 1993, logo em seguida trocaram o nome para Rap Boys que segue até 2003, em seguida criam o grupo Estilo de Belém Crew. Este grupo é o que separa o Pará do antes e depois. Com a criação do mesmo, eles iniciam um encontro diário na conhecida praça de São Braz, logo após os encontros do Black White que aconteciam somente aos sábados na praça Floriano Peixoto.

Imagem 7 - B-boy Fera.



Foto: Arquivo pessoal.

Esta praça se torna o que muitos atualmente dizem o “Berço da cultura Hip-Hop Paraense”, grupos de diferentes partes do estado acabam se encontrando neste lugar, travando muitas vezes batalhas e “Rachas<sup>27</sup>” históricos, muitos da geração 90 (noventa) e 2000 (dois

<sup>26</sup> Considerado um dos pioneiros da cultura Hip-Hop no Pará.

<sup>27</sup> Batalhas de B-boys 1(um) contra 1(um).



mil), acabam tendo o primeiro contato com a cultura nesse espaço, sobre os olhares e ensinamentos de inúmeros adeptos da Old School.

Com o avançar do tempo, a praça se torna cobiçada por diversos adeptos do interior do Pará, que começam a viajar até a capital somente para buscar conhecimento e novas técnicas de Breaking, e claro treinar ao lado de B-boys consagrados como, Passa-dias, Guti, Fera e Maluquinho, entre outros.

O grupo Estilo de Belém fica famoso rapidamente dentro do estado do Pará, é quando um personagem importante para esta cultura em Belém se junta a eles, um dos pioneiros no estilo Popping, resolve juntamente com Fera e Maluquinho, viajarem até o Berço da cultura Hip-Hop no Brasil, e acabam participando de um dos maiores eventos de Breaking daquela época no ano de 2003.

Nesta batalha de dança em São Paulo o Pará, inicia o que seria o primeiro passo para dar início ao que atualmente é o maior e melhor Breaking do Brasil, o Norte mostrou para todos, sua força e com isso o grupo Estilo de Belém Crew, passa a ser o primeiro grupo do estado a viajar para uma competição a nível nacional da história.

A guerra é igual ao fogo. Aqueles que não mais querem depor as armas acabarão por elas consumidos. Dominar o inimigo sem o combater, isso, sim, é o cúmulo da habilidade. Aquele que, servindo-se de grandes ou pequenas forças, entende como se tornar vitorioso. (TZU, 2019, p. 28; 35; 45).

Na volta para a capital paraense, o grupo se desfaz. É quando surge Ivan Pires, com a ideia de criar um projeto que levaria o Hip-Hop Paraense bem mais longe que São Paulo, surgiu o que é até os dias atuais, o maior grupo de Breaking do estado sendo reconhecido mundialmente como “Amazon B-boys Crew” que com a entrada de uma B-girl se chama atualmente “Amazon Crew”.

O Amazon B-boys é um projeto idealizado e criado por Ivan Oeiras Pires, que será conhecido como o criador de uma mente futurista e vanguardista, personagem icônico na cultura Hip-Hop, passando este grupo a convocar os irmãos, Kekeu, Xuxu, Kleber e Kaká, fazendo parte também da primeira formação Kapu, Bagana, Alex Freezer e Mael.

Ivan consegue através de um projeto futuristas formar um grupo invencível, para participar dos maiores eventos de batalha do mundo e assim, cria e esquematiza uma série de formações com os melhores B-boys e B-girls do Brasil e do mundo, tornando assim o grupo Amazon B-boys um celeiro de talentos.

O Amazon B-boys consegue um feito inédito que foi viajar para fora do Brasil em uma das maiores batalhas do mundo, e consegue bons resultados que foi a ascensão do Pará no mundo se tornando cada vez mais sólida, isto em menos de 10 (dez) anos, colocando desta feita o estado paraense entre os melhores do mundo no elemento Breaking, ficando reconhecido em

todas as partes do globo terrestre, tendo sua imagem circulando através de vídeos por diversos lugares.

Um exército não pode ser comandado de acordo com normas de etiqueta. No que concerne a costumes, leis e decretos, o exército dispõe do seu código próprio, que, normalmente, acata. Se este for alterado para algo semelhante ao que se segue no governo de um Estado, os oficiais desorientar-se-ão. (TZU, 2019, p. 43).

Contudo, os feitos inéditos que Ivan Pires alcança, estando a frente do Amazon B-boys, sua meta de chegar até a BOTY – BATTLE OF THE YEAR na Alemanha em 2009 e depois em 2011 na França são alcançados, com estas metas atingidas decidi então sair do projeto Amazon B-boys, para desenvolver um trabalho de produtor cultural, onde até os dias de hoje trabalha frente a cultura Hip-Hop, articulando-se no projeto AMAZON HIP-HOP, executando de maneira os quatro elementos.

A cena Hip-Hop paraense, é uma das mais bem-sucedidas do país, se tornando uma exportadora de talentos para o exterior. No momento, 5 (cinco) dos 8 (oito) integrantes da seleção brasileira de Breaking rumo as olimpíadas de Paris em 2024 são paraenses. Também temos em solo paraense a número dois do mundo nas olimpíadas estudantis que aconteceu na França, chamada Livia Gadelha, integrante do grupo Estilo de Belém Crew, sendo esta filha de B-boy Maluquinho e sobrinha de B-boy Fera, que como já citamos são pioneiros da cultura Hip-Hop no Pará.

B-girl Livia, foi medalhista de prata na França, também temos Leony Pinheiro 3 (três) vezes campeão nacional da Red Bull Bc One, assim como inúmeros outros talentos reconhecidos mundialmente como B-boy Kapu ex Amazon B-boys, B-girl Mini-Japa integrante do Amazon Crew, B-boy Mascote ex FW CREW, B-boy Tailândia integrante da Taibreak Crew, e continuamos a criar e gerar campeões mundiais, nos tornando assim uma potência mundial no Breaking. Em 2022 foi criada a lei de incentivo aos campeões do Breaking paraense, assim também como a criação da Federação Paraense de Breaking que tem como Presidente Ivan Oeiras Pires e vice-presidente a B-girl Thaysa Cristina.

## **2.2 Hip-Hop e seus pioneiros paraenses**

“Sorrindo visito o passado,  
Onde encontro paz nos olhos acalentados,  
A paz nem sempre é certa,  
Mas me permito dançar ao som de James Brown,  
O mesmo que embalou a seresta,

Na festa me fez sorrir quando o passado entendi,  
Volto ao futuro e fico entusiasmado,  
Escrevo um texto enorme de história animado”.  
Xifu Ribeiro<sup>28</sup> 2023

Muito se fala do pioneirismo dentro da cultura Hip-Hop, mas pouco se sabe dos seus reais pioneiros, pois muitos já se foram deste plano terrestre, todavia, temos a felicidade de ainda estarem vivos, muitos que contribuíram para a cena paraense deste movimento gigantesco disseminando e expandindo para os interiores do estado.

Ressalto que este subcapítulo traz à tona personagens selecionados a partir de inúmeras entrevistas com os pioneiros ainda vivos, e que a ausência de alguns destes não exclui de forma alguma sua participação na construção da cultura Hip-Hop Paraense, mas que se torna de extrema importância a participação de algumas pessoas para que a história em torno do pioneirismo seja contada.

Imagem 8 - Armando Pantoja.



Foto: Arquivo Pessoal.

Armando Pantoja, é considerado por muitos o Pioneiro número 1 (um) do Estado, pouco se sabe sobre sua história no movimento Hip-Hop, mas basta entrar em diálogos com os mais antigos que seu nome logo é citado, visto que, Armando ainda é vivo trabalha como servidor

---

<sup>28</sup> Xifu Ribeiro, é artista multifacetado, escritor e estudioso da cultura Hip-Hop.

em um hospital da cidade de Belém, muito carismático com uma voz arrebatadora e um porte físico de causar inveja a qualquer jovem.

A primeira vez que conheci Armando, foi em uma padaria na avenida Nazaré, eu estava acompanhado de Ivan Pires e Mael Rodrigues, confesso que não fui ao local para encontra-lo, apenas fui acompanhar Ivan em um diálogo com uma pessoa que faria parte de um futuro projeto dele. Quando o encontrei demorou a cair a ficha que eu estava ao lado do cara que difundiu a maior cultura já vista no mundo dentro do Estado. Grande sorte a minha foi de ter a oportunidade de ter uma longa e afetiva conversa com o mesmo e ouvir dele que em 1984 o movimento ainda era um pouco tímido em Belém-PA, relatando que não sabia ao certo o estilo ou gênero que dançava, afirmando que apenas dançava para se sentir bem, ressaltando que tinha pouca noção de nomenclaturas de determinadas técnicas e como isso demonstrando que na verdade era um Popper, apelido este dado a quem dança Popping<sup>29</sup>.

Foi o citado cidadão, responsável por criar o primeiro grupo que se tem informação no estado, muito amante de filmes do ator Bruce Lee, criou vários Steps<sup>30</sup> de dança inspirados nele, assim, também, como o icônico Michael Jackson, com habilidades no Popping diz que fazia sucesso nas casas de shows da época, de 1984 a 1989 e que viu a cultura crescer de forma estrondosa dentro do estado, ao mesmo tempo que as informações chegavam dando à ele, mais noção do que estava dançando.

Portanto, o acontecimento que causou um “BAM” na cena cultural em Belém, foi a chegada do filme Beat Street no cine Olímpia, em que Armando nos relata que através deste filme veio a febre do Breaking e que devido a alguns problemas pessoais foi se afastando um pouco da cena, mas, ressalta, que sempre que tem oportunidade revisita o passado em que dançava nas casas de shows, praças e ambientes alternativos.

Sua saída repentina da cena fez com que a New School, não tivesse nenhuma lembrança da sua importância no desenvolvimento desta cultura e muito menos de seu pioneirismo decorrente da mesma. Armando, portanto, acabou se ausentando por muito tempo, e como diz o ditado popular “quem não é visto não é lembrado”, mas, que por felicidade e gratidão, os pioneiros antigos lembram com bastante carinho e respeito da contribuição e da persona do mesmo.

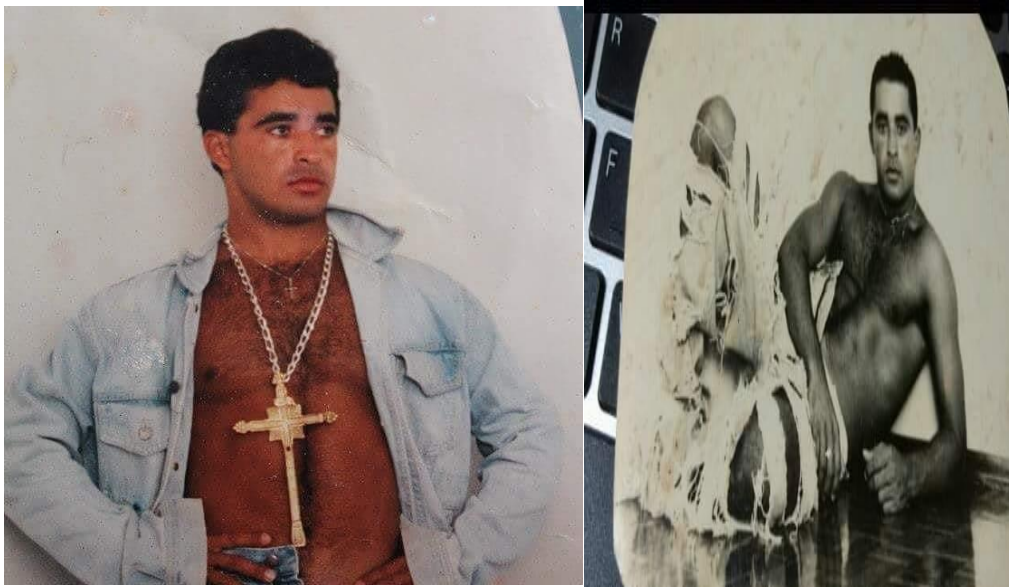
Pouco se tem conhecimento sobre a vida e trajetória de Armando, por conta, deste se fechar para detalhes no que desrespeito a cultura Hip-Hop, é muito difícil obter algum tipo de informação através de um diálogo, pois, mesmo sendo muito falante e sorridente procura se blindar sobre sua trajetória no Breaking. Contudo, compreendendo estas características, buscamos capturar durante uma conversa alguns resquícios deste importantíssimo pioneirismo.

---

<sup>29</sup> Gênero de dança que combina contração de músculos e suavidade e fluidez, sendo esta uma dança matriz do que hoje chamamos de Breaking.

<sup>30</sup> Nome dado a criação de passos.

Imagem 9 - B-boy Fera.



Fotos: Arquivo pessoal

Diferentemente de B-boy Fera, que por natureza tem uma persona um tanto “Palhaço<sup>31</sup>” Fera, iniciou-se no Breaking observando no bairro da Pedreira o ícone Armando, através de passos, saltos mortais, giros, deslizamentos, rolamentos, e assim, apaixonou-se pelo movimento cultural. Ainda muito novo na época, morador do bairro da Terra Firme em Belém, junto com seu irmão B-boy Maluquinho, revolucionaram de forma positiva o cenário cultural da cidade.

Em meados de 1986 até os dias de hoje, Fera e Maluquinho são referências no pioneirismo Hip-Hop no Pará, ainda muito ativos dentro do Estado, Fera impulsiona as batalhas de Breaking por todo cenário nacional no elemento MC, por ter uma característica muito espontânea e um tanto icônica nas redes sociais e por onde passa, ele se tornou um dos Mestres de Cerimônia mais bem requisitados na cena.

Não bastasse a sua popularidade perante a New School, Fera, até os dias de hoje continua batalhando no elemento Breaking, não com tanto vigor como antes, mas bastante respeitado por onde passa. Além de pioneiro na cultura HIP-HOP, foi também, um dos primeiros B-boys paraenses a estarem presente em um programa de TV nacional juntamente com os B-boys Guti, Savari e Maluquinho.

Ressalto que o B-boy Savari, integrante da formação inicial do grupo Estilo de Belém Crew, é o primeiro paraense a entrar para o livro dos *records* com o maior número de saltos mortais seguidos, em uma técnica de salto que ele mesmo criou e batizou de “Salto Savari” e até os dias de hoje, não se tem notícias, de que, exista alguém no mundo que execute o mesmo número de saltos exatos 31 (trinta e um).

<sup>31</sup> A palavra empregada tem o intuito de sugerir: alguém que anima o público, autêntico, que leva alegria.

Fera, passou de um menino nascido e criado na periferia de Belém, para um dos maiores pioneiros da cultura Hip-Hop, mesmo que no passado não tivesse noção que isso repercutiria não somente na sua vida, mas na vida de muitos que vieram após ele. Contudo, é impossível falar de Fera, sem lembrar de seu irmão B-boy Maluquinho, espelhou seu irmão sendo que como mais novo, conseguiu dominar e aperfeiçoar seu Breaking a ponto de se tornar o melhor de sua época.

Imagem 10 - B-boy Maluquinho.



Foto: Arquivo pessoal.

Maluquinho, chegou bem mais longe que seu irmão, pois foi criado e maquinou dentro das batalhas de Breaking, uma filosofia de treino radical e exacerbado, conseguindo com isso, rapidamente chamar a atenção de uma grande companhia internacional de dança, a conhecida e respeitada GRN (Grupo de Rua de Niterói). Com esta companhia pode viajar por diversos países e conhecer inúmeras culturas pelo mundo. Através de grandes espetáculos de dança viajou por mais de 53 países, obtendo um currículo artístico de apetercer qualquer dançarino no mundo e nesta caminhada, pode conhecer de perto ícones da dança como, Pina Bausch, Alieness, entre outros.

O B-boy em questão, quando retorna a Belém, começa a se destacar pelas diversas técnicas de danças urbanas, conhecimento que adquiriu por onde passou, e mesmo sendo um Old School sua dança de nada lembra a velha escola e com isso, toma popularidade entre os novos adeptos e inicia aulas de Breaking no Bairro de Águas Lindas, no distrito de Ananindeua-PA, em que também, deposita todos os seus esforços para o treinamento da sua jovem filha B-girl Lívia, que atualmente é a número dois do mundo no ranking mundial do Breaking feminino.



Imagem 11 - B-boy Fera e B-girl Lívia.



Foto: Arquivo pessoal.

O Breaking no Pará teve seu ápice quando Ivan Pires, que também é um dos pioneiros da cultura Hip-Hop no Estado, resolve criar o Amazon B-boys Crew, que é Cria do Bairro Curió Utinga. Ivan Pires é vindo de uma base humilde e que desde muito cedo trabalhou para sustentar sua família. Ainda, em sua juventude, se apaixona pelo movimento, no qual, anos depois colhia frutos de pioneirismo.

Ivan Pires, é natural de Belém-PA, nascido em 17/02/1971, atuante na cultura Hip-Hop desde 1982, considerado atualmente um dos maiores pioneiros deste segmento, sendo este, dançarino, artista e produtor cultural. A história deste ícone começa a ser contada ainda na década de 80 (oitenta), com uma mistura de danças com várias influências de James Brown, Michael Jackson, músicas do Theo Sugar Hill Gangue, Rappers Delight, Donna Summer e Thriller.

Imagem 12 - Ivan Pires.



Foto: Arquivo pessoal.

Teve sua iniciação como dançarino amador, em meados de 1982, através do gênero Popping, todavia, sua dedicação e esforço, lhe deram ótimo retorno artístico, assim como outros pioneiros da cultura Hip-Hop Paraense em 1983 chegou a Belém, a chamada “Febre do Breaking”, através do filme Flash Dance.

O filme Flash Dance, continha cenas de Breaking e clipes musicais de alguns cantores, tendo Ivan acesso ao filme, começou a copiar alguns Steps<sup>32</sup> o que foi possibilitando seu aperfeiçoamento, pois, através desta mídia, teve mais conhecimento sobre o Hip-Hop, lhe oportunizando aprofundar-se ainda mais na cultura criando alguns meses depois, um dos primeiros grupos de Belém chamado “Mecanos Breaking”.

O grupo Mecanos Breaking criado por Ivan Pires, em 1984, ainda em Belém, este acompanhava a crescente onda de adeptos do Hip-Hop, participando ativamente do auge da cultura no Estado, se envolvendo em eventos, campeonatos e também visitando as danceterias que existiam na cidade, as conhecidas e populares “Pipocas Dançantes” e as matinês aos domingos.

Em 1985 Ivan, decidi fundar o grupo Mecanos Breaking, e acaba conhecendo um dos integrantes do grupo “American Break” chamado Marcos, que por sua vez formam uma grande e duradoura amizade com uma outra figura chamada Elvis, os três resolvem se aliar e treinarem juntos coreografias e passos de dança. A carreira de Ivan, Marcos e Elvis se prolonga até 1988, em que mais uma vez Ivan decidi seguir sozinho, mas guardando com muito respeito e carinho

---

<sup>32</sup> Steps são passos de dança.



a amizade dos dois amigos/irmãos, já em uma cena cultural totalmente transformada e seguindo para um fortalecimento atual.

Em 1988, Ivan começa a visitar a danceteria Shock Play House e lá, inicia um movimento de encontros constantes de adeptos da cultura Hip-Hop, porém, em um desses encontros, é convidado por Jorge líder do grupo Electro Boys, para se juntar a eles em treinos na praça do CAN em Nazaré, e assim participar de shows e performances pela cidade. Dessa forma, se uni aos Electro Boys e caminha junto com eles até 1994, iniciando certa forma, o movimento Hip-Hop na praça de São Braz.

O movimento Hip-Hop na Praça Floriano Peixoto no bairro de São Braz, intensifica-se de 1994 a 2005 tornando assim este um ambiente consolidado de encontro entre B-boys e B-girls, e outros movimentos da Cultura como: Graffiti, MC's e DJ's. Antecedendo o ano de 2003, Ivan Pires, inicia seu ambicioso projeto chamado "Amazon B-boys Crew", onde planeja e idealiza sua meta principal que era levar pela primeira vez um grupo do Estado do Pará, para participar de um evento internacional e desta forma ser reconhecido mundialmente, as atividades iniciam de fato em 2006, após o mesmo convidar 8 (oito) integrantes.

Ivan, tinha uma meta ambiciosa e traçou um plano para que esta fosse alcançada, é como se ele tivesse adquirido um fanatismo exacerbado sobre esse assunto e assim, começou a criar oficinas para aperfeiçoamento da sua equipe, está por sua vez, treinaram com os melhores B-boys e profissionais da época e na área da dança Breaking, criaram uma série de filosofias que treinavam não somente o corpo, mas também o lado emocional e pensante dos seus dançarinos no que desrespeito ao cenário competitivo mundial.

Com essa série de planejamentos Ivan Pires, conseguiu em menos de 10 anos levar pela primeira vez na história do estado paraense, um grupo para competir fora do país, se não bastasse isso, ainda conseguiu tornar o Amazon B-boys um dos maiores e inigualáveis grupos da história da cena do Pará, tornando referido grupo um vencedor e assim, alcançando fama repentina. Ivan Pires, conseguiu levar muitas vezes o grupo para competições internacionais, o colocando como um dos maiores revolucionários da cena Hip-Hop Paraense ao mesmo tempo, que elevando o Breaking no Estado, como o maior e mais forte do Brasil, até os dias atuais.

A frente do Amazon B-boys Crew, Ivan, havia chegado ao topo do mundo e assim foi que decidiu criar um projeto que fosse a base do Amazon, no futuro e isso o impulsionou a lançar-se em inúmeras viagens ao interior do Estado. Nos conta que foi exatamente numa dessas investidas que passou em uma estrada ligação de duas cidades Abaetetuba a Moju que ficava sobre um sítio/fazenda, de nome "Kurumin".

Quando retorna a Capital, Ivan cria o projeto base do Amazon B-boys e em homenagem aquela placa do sítio/fazenda que havia visto na estrada, o chamou de "Kurumin Crew" e em uma escola chamada Paulo Maranhão, decidiu fazer um chamamento para todos os jovens adeptos da cultura Hip-Hop no elemento Breaking. A princípio, Ivan não tinha noção do seria ou se tornaria, a Kurumin Crew.

Nesta primeira chamada surge no dia da audição, uma fila quilométrica de B-boys e B-girl para se juntarem a Kurumin, Crew e através deste, Ivan consegue transformar a vida de muitos jovens a beira da marginalidade e da criminalidade e através do Breaking, cria e estipula uma série de aulas e oficinas em que milhares de alunos lotam as salas aos finais de semana. O projeto dessa feita, toma proporções tão grandes que Ivan resolve expandir para outras escolas de outros bairros da capital, para atender mais jovens amantes da dança Breaking e com isto, ele cria o maior celeiro de talentos do Hip-Hop no Pará, fortalecendo, estimulando e criando vencedores. Deste projeto surge a geração atual do Breaking Paraense.

Através da Kurumin Crew, surgem B-boy Noé que anos mais tarde criaria a RPC (Resistência Periférica Crew), sendo está uma das maiores Crews do município de Ananindeua-PA, B-boy Leony três vezes campeão nacional do maior evento de Breaking do mundo a Red Bull Bc One, B-girl Thaysa vice-presidente da Federação Paraense de Breaking, entre inúmeros outros B-boys talentosos que com o tempo se mudaram para outros países europeus vivendo da dança, como B-boy Kapu.

Conhece-te a ti e ao teu inimigo, e em cem batalhas que sejam, nunca correrás perigo, quando te conheces, mas desconheces o teu inimigo, as tuas hipóteses de perder ou de ganhar são iguais. Se te desconheces e ao teu inimigo também, é certo que, em qualquer batalha, correrás perigo. (TZU, 2019, p. 47-48).

Em 2013, Ivan Pires é o mais velho dos integrantes do Amazon B-boys Crew. Todavia, após 10 (dez) anos de sua idealização tem sua meta e objetivos atingidos com inúmeros títulos regionais, nacionais e internacionais, deste modo, decidi deixar o projeto para se dedicar a um novo ideal que abrange não somente um grupo, mas todo o Pará.

Prosseguindo a história de pioneiro, em 2006 Ivan Pires, se inicia como produtor cultural no Estado, cria a primeira edição da Batalha da Amazônia competição de Breaking com a categoria 3 (três) versus 3 (três), em que conta com a presença de B-boys, B-girls, Grupos e Crews de todos os cantos do Estado do Pará.

Quando se aventura como produtor cultura, já carregava consigo uma série de experiências na área, se tornando assim, um dos mais respeitados produtores da cultura Hip-Hop do Estado, até os dias atuais. Em 2006 se realizou a primeira edição do campeonato Amazon B-boys Crew e em 2008, dá continuidade com a segunda edição deste mesmo campeonato.

Em 2009 já famosa, realiza a terceira edição do Campeonato Amazon B-boys, 2011 e com isso, surge o evento denominado Jungle Kings Battle, que conta com a presença de jurados nacionais, como também, com oficinas e workshops com B-boys consagrados no cenário nacional, e tudo isso colaborou para que em 2012 nascesse o evento Ananim Break.

Em 2014 Ivan realiza a primeira edição da Copa Pará de Breaking, onde estão presentes os 16 maiores B-boys do estado, selecionados através de um ranqueamento, que obtiveram pontos durante o ano inteiro. Neste mesmo ano, planejou e realizou o 1º Festival Hip-Hop Belém e foi assim que em 2015 em um devaneio na praça de São Braz, ele subiu até o alto de um monumento e observa a cultura acontecendo de cima, vê a praça lotada de B-boys dançando, como Graffiteiros, MC's e DJs, então ao final do ano a cria o evento denominado “Hip-Hop Acontecendo”.

Imagem 13 - Ivan Pires.



Foto: Arquivo pessoal.

A saída de Ivan do Amazon B-boys em 2013, lhe causa uma grande dívida financeira, que devido a sua obsessão por ser o primeiro a levar um grupo para fora do Estado, gasta de modo exacerbado do seu próprio bolso para que sua meta seja realizada. Ao final de 2015 Ivan Pires, se consagra como o maior produtor cultural da cena Hip-Hop do Pará, alcançando não somente status, mas obtendo respeito de todos os adeptos da Cultura nos quatro cantos do mapa.

Entretanto, em 2015, Ivan Pires chega a falência financeira e com isso, adquire depressão, mediante a tal diagnóstico decidi afastar-se da cena cultura do Estado por tempo indeterminado e fica totalmente isolado do Hip-Hop de 2015 a 2020. Nesse período de tempo, novos adeptos surgem e com isso, novos grupos e concepções de pensar o Breaking, assim como, também, produtores culturais obscuros, começaram a se fazer presentes na cena, produtores de respeito também surgiram nesse tempo.

O ano de 2020, começa com a volta de Ivan, que surge, causando o maior rebuliço que a cena cultural viu e presenciou. Com o seu pensamento sempre futurista a frente do seu tempo, decidi montar uma equipe do zero, para criar a Federação Paraense de Breaking. Isso causou

um tsunami<sup>33</sup> no Estado, se perguntava: *como que alguém some da cena e reaparece querendo montar uma Federação?* Outros já conheciam a figura de Ivan Pires e seus feitos do passado, isso acabou gerando uma grande separação na cena cultural e um abalo direto a estrutura.

Buscando trabalhar para que sua popularidade entre os mais novos e alguns antigos aumentasse, este por sua vez, decidi criar em 2021 um grande evento que pudesse se fazer presente em todos os cantos do Estado do Pará, e assim o fez, dando o impulso para que surgisse o 1º Circuito Paraense de Breaking. Esse circuito, abrangia quatro cidades que para o que estava estruturando em relação a esta cultura, eram estratégicas para o Estado em todos os pontos que se fizeram presentes naquele ano. Ivan foi louvado por seu ato, pois, nunca alguém no Estado havia pensando em tal proposta.

O circuito passou por Moju, abarcando todos os municípios ao seu redor, estando presente também em Tucuruí, com o mesmo plano de chamamento de municípios vizinhos, na capital Belém e teve sua grande final em Marituba com a 2ª edição da Copa Pará de Breaking, com a presença dos dois melhores B-boys de cada município. Como proposta para esta copa, o grande campeão deste evento de dança, em formato competitivo, era premiado com uma viagem com todas as despesas pagas para Florianópolis-SC, o que lhe possibilitava a participar da primeira edição do circuito Heineken de Breaking, em que contava com a participação dos melhores B-boys de âmbito nacional.

Imagem 14 – Circuito paraense de Breaking



Fonte: fotografia de Alex RC

Em 2021, Ivan inicia a formalização judicial em massa de Crews e grupos de Breaking em todo Estado, tendo em sua equipe Gesiel Ribeiro de Leão conhecido como (Xifu Ribeiro), Ismael Rodrigues conhecido como (Mael), Thaysa Cristina Magalhães, Renan Rosário conhecido como (Peixe, Soto), Bruno Beats e Guto Correa do município de Moju, Rosa Maria

<sup>33</sup> Aqui a palavra tsunami, surge para dá intensão de uma grande onda, que sacode de maneira, todo um eco sistema, assim como uma onda grande vem derrubando construções e elevações erguidas com trabalho durante o tempo, foi deste modo que Ivan ressurgiu, causando abalos na construção da cena atual.



advogada e Professora. Essa passa a ser a equipe principal na formação da Federação Paraense de Breaking.

Em 2022, Ivan Pires em um coquetel, na loja conhecida na cidade de Belém como “Na Figueiredo”, a Federação Paraense de Breaking surge, se tornando por unanimidade o Presidente da Instituição, ao som de DJ RG, Bruno Beats e Bakugan. Atualmente Ivan é a personalidade da Cultura Hip-Hop no Estado, no que desrespeito, ao esporte, mas bem vista e respeitada, tanto na cena cultural, como dentro das instituições jurídicas.

Imagem 15 – Copa Pará de Breaking.



Foto: fotografia de V

### 2.3 Hip-Hop e seu estabelecimento cultural

*“Se está na moda os jovens querem usar”.*

*Xifu Ribeiro 2023*

A cultura Hip-Hop no mundo perpassa por muitas histórias e personagens icônicos, como podemos confirmar no capítulo anterior, seu estabelecimento cultural em âmbito mundial se desenvolve muito de forma orgânica e híbrida, podendo ser contada de inúmeras formas dependendo do seu ponto de partida, seja, ele inicial ou final.

Sua afirmação e seus meios sociais culturais abraçam um todo, mesmo que este todo, seja de etnias e costumes diferentes, com capacidade de causar caos ao mesmo tempo que busca soluções para o enfrentamento de males, é o que posso dizer, que se auto estabeleceu, claro! Esse estabelecimento cultural se deu muito da maneira que as pessoas reagiram a ela.

Observei ao longo da investigação, que perante as guerras e conflitos internos, que a mesma sofreu de todos os males, mas que depois foi amenizada com a bonança e desta forma se consolidando por prezar acima de qualquer coisa a paz, união, amor e a diversão. Estes lemas, são pilares filosóficos da cultura Hip-Hop e que por todos os lugares que pôde se fazer presente, sempre buscou através de seus pioneiros a paz e a mudança através da reflexão do meio, nos quais, estes conviviam, transformando cada indivíduo em um agente transformador do seu bairro, cidade, estado e país.

Muitos se perguntaram: *como alguém conturbado e problemático teve uma mudança tão significativa ao adentrar em uma cultura aparentemente marginal?* Não é que a cultura, seja de modo, marginal, mas é que por se tratar de uma cultura estadunidense completamente periférica, é motivo da elite desclassificar seus meios e fins, sendo mais fácil descarta todos os seus benefícios e acentuar suas pequenas e insignificantes falhas.

Todavia, a cultura Hip-Hop se estabeleceu de fato, tendo como principal diálogo com a sua estratégia de reflexão e sensibilização através da arte do seu próprio povo, uma vez perguntaram a KLJAY um dos membros do Racionais MC's, *vocês fazem o social?* Ele foi enfático em responder o seguinte:

“O social está aqui (apontando para um CD do seu grupo musical), o trabalho social é este! A música entra na mente, causa reflexão no jovem preto e periférico, este por sua vez capta a mensagem o transformando em um agente do bem na sua comunidade, é desta forma que a gente faz o social através das letras musicais que cantamos”. (relato de KL Jay<sup>34</sup>, 2021)

Tem se tornado cada vez mais social e educacional, por se tratar de uma cultura que dialoga com o público periférico, muitas vezes sendo a porta inicial para a mudança que a sociedade através de outros meios não alcança, se estabelecendo como uma metodologia de aprendizagem e reorganização de pensamentos, das ditas classes “minoritárias”, suas afirmações e conceitos de se pensar vão além das estruturas tradicionais, nas quais, estamos acostumados.

A organização e estrutura, do mesmo alcançou em pouco tempo, chegando a ser surreal, no que diz respeito a longanimidade de sua tradição, pensamos então: *como uma cultura Estadunidense, consegue através da mídia se reproduzir, de forma, que não perca seus*

---

<sup>34</sup> Considerado um dos pioneiros do Rap nacional, integrante do grupo Racionais MC's.

*principais lemas e filosofias iniciais, mesmo que seus principais pioneiros ao redor do mundo a princípio, nunca tenham se encontrado pessoalmente ou falem a mesma língua?*

Esta pergunta pode conter inúmeras respostas, nas quais, discorreríamos por horas, dias, meses e anos. E com toda certeza, isto é, fruto para uma futura pesquisa, mas entendemos que sua dimensão e difusão pelo mundo, se dá muito de modo orgânico, como o próprio vocábulo da palavra Hip-Hop diz: algo que acontece aqui e agora ou algo que esteja na moda.

E no vocábulo da palavra Hip-Hop, que encontro algumas destas inúmeras respostas, seu estabelecimento cultural começa a se moldar a partir do que chamo de “Moda”, como sabemos, esta é capaz de se espalhar como um vírus, uma vez que é lançada, pois, não se tem muito controle de que dimensões esta alcançará.

Toda e qualquer década partiu de certa forma de algo, no qual, se caracteriza como “Moda”. Nos anos 60 (sessenta) a 70 (setenta) por exemplo, era muito comum ver e presenciar pessoas trajando-se de calças apelidadas de “Boca de sino”. Este tipo de vestimenta ficou muito famosa ao vestir grandes ícones da música como Elvis<sup>35</sup> considerado por muitos um rei. Logo esse modo único de se vestir transcendeu para além da figura do cantor e começou a vestir pessoas comuns daquela época e com a ajuda das empresas midiáticas, logo esta calça tornou-se um símbolo desta década.

Vale ressaltar que a “Moda” não é uma coisa que se paralisa no tempo, ela pode transcender-se e se transforma em algo atemporal e com está pequena explicação cheguei a uma resposta adequada, no que diz respeito a Cultura Hip-Hop

“Hip” significa algo que esteja na moda ou algo que aconteça aqui e agora. Entendo também que o “Hop” é um passo de dança, ou seja, essa cultura era naquele momento, algo a ser copiado, presenciado, experimentado, vivido e apreciado. E realmente foi, pois, seu estabelecimento cultural se dá muito pelo o que pude comprovar nos estudos que tive até aqui, que o que está na moda, os jovens querem usar.

Contudo, fica entendido que o estabelecimento cultural do Hip-Hop, se dá, por meio de jovens periféricos buscarem maneiras de se auto afirmarem, dentro de uma sociedade que cada dia os empurra para longe de direitos básicos previstos em lei, estas autoafirmações acontecem por meio da arte, sejam elas de cunho musical, teatral, visual ou da dança, que sabemos que por meio desta, o ser humano consegue visualizar e refletir através de um olhar sensível sobre o meio em que vive, criando de certa maneira, formas que viabilizam mudanças e costumes.

---

<sup>35</sup> Conhecido por muitos como o rei do rock.

## **CAPITULO III: CONCEITUANDO O CORPO**

Neste capítulo irei dialogar sobre os inúmeros modos e conceitos acerca do corpo, buscando entender que a Cultura Hip-Hop é um grande e complexo esqueleto que se movimenta por meio deste e que compreendo que cada elemento, é responsável por determinada ação.

Também irei dialogar sobre as possíveis metodologias de ensino que o Hip-Hop se debruça em pesquisar, através dos seus híbridos diálogos com outras ciências e saberes, buscando compreender a Cultura como uma linha de conhecimento próprio que forma e cria metodologias a partir de suas próprias características individuais.

Determinados métodos e saberes se tornam dispositivos para a educação no que diz respeito ao ensino e aprendizagem de crianças, jovens e adultos, uma vez que estes são baseados em estudos práticos e teóricos, reafirmando deste modo, que o Hip-Hop é e sempre será uma Cultura híbrida aliada a conhecimentos distintos que dialoga não somente com seus adeptos, mas com toda uma sociedade contribuindo positivamente para o crescimento e fortalecimento da mesma.

### **3.1 Conceito de corpo**

Entendo como corpo tudo aquilo que se organiza como tal, em que as partes destes possam ser ligadas e dependentes uma das outras, tais como a formação de um corpo humano é composto por: cabeça, tronco, braços e pernas, sendo ainda possível notar diferentes níveis de corpos hierarquizados como moléculas que passam a ser micro comparado ao macro do ser humano, que neste caso são grupos de pequenos átomos, diferentes ou iguais, que se mantem unidos para a formação de um todo, que separadas, podem afetar ou destruir diretamente algumas de suas propriedades substanciais. É o que nos alerta o autor abaixo:

A molécula é uma menor parte de uma substância, sendo a mesma extremamente importante para o corpo humano e sua estrutura, lembramos sempre que em cada corpo macro, existe um micro que no final acaba sendo a base estrutural de tudo, e que qualquer abalo direto as estruturas podem danificar circunstancialmente todo um sistema. (DALTON, 1808)

Para entendermos melhor o conceito de corpo, pontuado na presente pesquisa nos propusemos a dialogar por se fazer necessário demonstrar que o indivíduo através de sua história cria dois entendimentos a cerca deste, um deles é sobre o homem primitivo que vive como unidade e o outro que se percebe de forma dividida.

Na história da civilização ocidental, podemos fazer alusão inicialmente as duas formas de entendimento de corpo. Uma delas se faz permanente na vida



do homem primitivo, na qual a vivência corporal intensa e única. Pois o homem vivia em uma unidade como a natureza e a sociedade. A outra forma, diz respeito a uma tendência dualista de entendimento do corpo, ou seja, o homem é percebido de forma dividida, a partir da dicotomia que o separa em corpo e mente. Esta última, podemos considerar como dominante em nossa cultura ocidental, especialmente caracterizada pela valorização do intelecto em detrimento da sensibilidade. (MARQUES, 1999, p. 10)

A tendência dualista se deu no apogeu do pensamento grego, sendo esta uma compreensão de mundo inicial que segundo Gonçalves (1995) “O homem passou a problematizar a sua existência e tentou explicar o mundo ideal”, deste modo, para alguns filósofos tais como Platão, defensor do pensamento dualista, o intelecto, pensamentos e ideias, só poderiam existir de fato no “mundo das ideias” ou no mundo “intelectual”, criando assim um afastamento das experiências e vivências que aconteciam através da sensibilidade concreta da vida do homem.

Segundo Gonçalves (1994 apud MARQUES, 1999), “para Platão o mundo sensível estava diretamente relacionado as ideias de imperfeição e perceptividade, ao lidar com os sentimentos, suas paixões, o homem estaria cada vez mais distante da verdade”, sendo assim o homem só encontraria respostas no mundo racional, estando este contaminado, se buscasse interpretar de outras maneiras, pois, seria impedido de contemplar as suas profundas e verdadeiras essências.

É impossível falar de pensamento dualista e não relacionar ao filósofo ocidental da modernidade com a famosa reflexão “penso e logo existo”, que segundo Nóbrega (1995, p. 45) “Para Descartes, somente ao espírito compete conhecer a verdade das coisas através da intuição puramente intelectual”. Com isto, o corpo passou a ser como algo exterior, valorizando de maneira o interior que seria a alma.

Vale ressaltar também, que na Idade Média a alma era supervalorizada conhecida como idade das trevas, em que o corpo era tratado como um lugar sagrado, sendo este o abrigo da alma. Portanto, se houvesse preocupação com a salvação de sua alma acima de qualquer coisa em uma sociedade pouco desenvolvida em que a igreja exercia poder nos corpos, segundo Pereira (1988), esta “preocupação estética e a cultura física eram contra os dogmas da igreja”, e assim percebido o corpo, se sentia que, ainda era cercado pelo medo do pecado.

E assim segue comentando a autora:

Com a postura dualista, o sujeito passou a ser percebido como interioridade e o corpo como exterioridade. Sendo a interioridade (a alma) mais valorizada, o corpo passou a ser entendido apenas como o canal mediador na conexão do homem com o mundo e, portanto, parte secundária nesta relação. (MARQUES, 1999, p. 9)

Desta forma, destacamos que mesmo com o avanço tecnológico e científico ao decorrer das décadas, e com as inúmeras teorias e estudos no que diz respeito ao entendimento do corpo

e suas estruturas, o pensamento dualista ainda se mantém vivo e com um fortalecimento presente na atualidade, a exemplo disso dicotomias como, mente/corpo, Cultura/natureza, Razão/emoção, que ainda se perpetuam em nossa sociedade “moderna”.

O dualismo criou fortes alicerces e por muito tempo se fez como o único pensamento predominante na história, sendo assim considerado por muitas gerações o corpo foi tratado como algo secundário, e sem muitos estudos que se voltasse para o mesmo. Segundo a autora em questão, apesar de tudo o que vimos estudando sobre a história do corpo dando prosseguimento a investigação, “podemos encontrar na história outras formas de entendimento que tentaram romper com estas dicotomias nos mostrando novos entendimentos acerca da condição corporal humana”.

Portanto, não podemos deixar de nos fazer referir a outras compreensões filosóficas advindas de filósofos, como: Merleau-Ponty, Marx e Foucault, visto que estes, contribuíram muito para um entendimento de corpo que quebrava a ideia de dualismo de Descartes<sup>36</sup> podendo ser entendido por sua concretude e sendo percebido pela sua capacidade produtiva e essência histórica. Portanto, quando nos debruçamos sobre esses novos estudos, no que diz respeito ao corpo, começamos a observar e a nos defrontar com a exploração e mecanização do ser humano.

Marques (1999, p. 9-10) ainda afirma, que “Com Marx, o corpo foi entendido e percebido a partir da sua capacidade de produção. O homem se tornava distante do produto final de seu trabalho, alienando-se por meio de atividade produtiva”. Todavia, o que a autora nos faz refletir através do pensamento filosófico de Marx, é que o ser humano da atualidade produz máquinas, insumos e outros derivados, é diferente do homem primitivo este que por sua vez, não se utiliza destas criações tornando-se assim um corpo mecanizado pela indústria.

Acrescendo que:

O corpo na revolução industrial passa a ser um corpo que fabrica coisas, que age sobre os outros, sobre os objetos e sobre a natureza, passa inventar matérias de trabalho e produzir em massa os mesmos, passa a ser um corpo que produz não só para si mesmo mais para todos os outros corpos. (ARENDETT, 1988)

Marx, enfatiza no seu pensamento e a autora acima confirma, que o corpo só era útil para o trabalho, daqueles que produziam, o que provocou uma mudança em sua visão, antes visto como profano ou só com o intuito de produzir coisas espirituais e superiores, valorizando apenas a alma e o intelecto, agora, é estudado em sua forma material, dissecado, analisado em formas humanas e não como anteriormente.

---

<sup>36</sup> René Descartes foi um filósofo, físico e matemático francês, durante a idade dita como moderna, nascido em 31 de março de 1596. Fonte: Brasil Escola.

Buscando a manipulação do corpo como requisitos para o crescimento e expansão do capital, o pensamento de Marx se mostrava explícito na forma de produção fragmentada, mecanizada e repetitiva do ser humano e que segundo Couto (1995 apud MARQUES, 1999, p. 10) “Novos esclarecimentos em torno da questão corporal, desta vez presente na análise das repressões e punições corporais impostas, como forma de disciplinar o corpo, corrigi-lo e torná-lo dócil”, com o avançar das décadas novas concepções de se pensar o corpo surgiam e com isso era possível refletir sobre conceitos diversos.

Portanto, uma nova concepção de se pensar o corpo através de Foucault<sup>37</sup> surge e nos faz refletir sobre os controles que as estruturas hierárquicas exercem sobre o mesmo. Segundo Foucault (1984 apud MARQUES, 1999 p. 10) “este por sua vez, buscando superar o pensamento racionalista, evidencia e enfatiza o homem como uma intensa presença corporal em relação com o mundo e consigo mesmo”, desligando-se e rejeitando concepções que valorizam apenas determinados aspectos da existência humana.

Os sentimentos e comportamentos humanos, nesse período, a partir do século XV, e representado como o objeto de expressar a unidade entre físico e o espiritual, numa referência à celebração da vida dionisíaca, que remete ao mito grego de Dionísio, o qual buscava o prazer na alegria, na embriagues do vinho e na força dos desejos. Neste momento o corpo estava mais voltado para as coisas terrenas, podendo ser estudado e compreendido de forma intencional a qual se manifesta no gesto e dá significado e sentido a existência, entendimento este que fez a autora afirmar:

Vemos então que a nossa preocupação encontra fundamentação, através do fenômeno da corporeidade dentro da educação atual, pois o corpo tem se tornado um assunto bastante discutido e alvo de muitas preocupações porém, nem todas as preocupações com o corpo, estão fundamentadas por um entendimento que conduza a harmonização e dignidade do homem, haja vista a exploração econômica do corpo pela mídia, fato que massacra e nega a originalidade humana, promovendo a ideia de um corpo padrão, ideal e facilmente construído. (MARQUES, 1999, p. 10)

O corpo passou a ser mais saudável com a queda da igreja, visto que os exercícios físicos passaram a ser mais explorados, proporcionando cada vez mais o bem-estar. Buscava-se um conceito de corpo mais aberto, em que por sua vez deu espaço para que se imaginasse e pesquisasse mais sobre o mesmo, abrindo de fato às fronteiras de conhecimento e de tudo aquilo que viesse a ser corpo, buscando refletir e pensar em diversas outras formas de estruturas corporais.

---

<sup>37</sup> Michel Foucault, foi um filósofo historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da célebre Collège de France de 1970 até 1984. Fonte: Brasil Escola.

Nesta década, o corpo em voga, era materializado e sem alma, e mesmo que houvesse uma quebra no pensamento racionalista de Descartes, “dualidade entre corpo e mente”, essa nova visão trazia uma liberdade tanto na área política, quanto na econômica que segundo alguns filósofos tais como Marx, o homem foi impedido de evoluir, e só agora poderia ser impulsionado a investigar cientificamente e buscar respostas sobre perguntas que antes, somente eram respondidas por meio do “campo das ideias”

A partir deste momento o corpo ganha liberdade e se desprende de tudo aquilo que lhe foi ensinado há muitos anos e pensando assim, SANTOS (2017) nos diz que: “o homem se redescobre começa a enfatizar em busca das suas próprias perguntas, buscando respostas que não fossem respondidas apenas ou somente por meio do “campo das ideias” e do “Intelecto”, e sim respostas que viessem de outros meios e fontes”.

Neste momento criam-se políticas nas quais visam entender a sociedade e organizá-la enquanto uma grande unidade de corpo, em que todos devem seguir um comando maior e que acreditasse também, que se Deus era a natureza e tudo aquilo que nos cerca, então a igreja se fazia dispensável.

Acredita-se então que:

O conhecimento corporal levará cada vez mais o indivíduo a ter respeito para com o corpo, educando as possibilidades funcionais do movimento para integrar-se melhor a vida. O movimento é a expressão dinâmica do corpo diante das necessidades da pessoa. Uma pessoa com percepção corporal terá maior facilidade em reagir as necessidades de movimento que a vida lhe impõe diariamente. (MARQUES, 1999, p. 11)

Estudos importantes começaram a emergir com o novo conceito de corpo advindos de Marx e Foucault. Gonçalves (apud MARLEAU-PONTY, 1994) diz que, “este revalorizava o corpo na filosofia, retomando assim o contato com o corpo e com o mundo, é que também a nos mesmos iremos encontrar”. Isto, nada mais é, que o indivíduo passando a ter novamente respeito para com o seu corpo, na medida em que as fronteiras do conhecimento se encurtavam, as pessoas buscavam por mais percepção corporal para terem maior facilidade em reagir a situações da vida.

Em busca de entender melhor sobre o conceito de corpo abordado na pesquisa, faz necessário uma reflexão sobre outros meios de pensar e raciocinar o mesmo e assim, proponho um diálogo acerca de “Matéria” e afirmo que quando se fala de Matéria, segundo John Dalton (1808) “trata-se de tudo aquilo que possui massa e ocupa lugar no espaço, enquanto que o corpo é apenas uma porção limitada da Matéria”, sendo este, fruto de um pensamento de diversos estudos no decorrer das décadas.

Para entendermos com mais profundidade sobre o que se trata, darei como exemplos: água, terra, madeira e ar que são matérias, mas uma vez unidas como, 10 (dez) litros de água

ou um pedaço de rocha formam um corpo, ou seja, toda matéria unida em prol de um propósito para transformar-se em algo, passa a ser um corpo. Ainda conceituando o foco da pesquisa, no que, venha a ser um corpo, cito outros exemplos.

O corpo do Exército ou um corpo Docente de uma escola ou universidade, neste sentido, trata de uma unidade integrada por várias divisões que se movimentam em conjunto sob domínio de um único comando. Os corpos do Exército, por exemplo, costumam ser formados entre 50 mil a 70 mil soldados, que se encontram a serviço de um único domínio. No caso do corpo Docente, trata-se de um grupo de pessoas que se formam para lecionar em uma universidade ou escola. Segundo Marques (1999, p. 15) “para executar uma ação motora o ser humano está permanentemente processando informação, para desempenhar com sucesso uma habilidade motora, o ponto crítico é a detecção de informação”.

O que a autora nos mostra é que o movimento que impulsiona o corpo, para uma determinada ação se qualifica a partir do momento que este recebe a compreensão, ou seja, no caso do exemplo que vimos anteriormente o que irá de fato fazer com que o corpo do exército obtenha sucesso em alguma habilidade será o processamento da informação. Os soldados apenas se movimentam para frente, direita ou esquerda, em detrimento da detecção de alguma ordem.

Citaremos aqui, um exemplo de corpo docente advindo de um cartaz da Escola de Teatro e Dança da UFPA<sup>38</sup> que dizia, “ Neste dia 04/03/2018 faz necessário todo o Corpo Docente em assembleia geral para tratarmos de questões administrativas”. Observamos neste cartaz pendurado no quadro de avisos da instituição, que o Corpo Docente, vêm como unidade, não como indivíduos separados, o que nos fez compreender o conceito de corpo como um sistema unificado de vários membros e pessoas em prol de um único domínio ou comando que partiu da direção da instituição.

A partir destes exemplos, chegamos então ao ponto decisivo que fará parte do terceiro capítulo da pesquisa que é conceituar a Cultura Hip-Hop como um corpo e assim, fomos criando um ambiente em que teorizamos através de filósofos importantes da história, para que este momento fosse compreendido facilmente, nos possibilitando dialogar sobre as estruturas que compõem e formam este corpo.

Cada década aqui teorizada, criou estudos aprofundados acerca do corpo, e que cada filósofo foi responsável por idealizar uma estrutura de corpo correspondente a sua linha de tempo e suas crenças, nos permitindo refletir a fundo sobre o que venha a ser uma estrutura corporal nas áreas políticas, educacionais, pessoais e econômicas e com isso, entendemos que corpo é tudo aquilo que se organiza em unidades, ou seja, sendo essa unidade pessoas, moléculas ou sociedades organizadas, tais como: culturas, povos ou outros segmentos naturais.

O Corpo nesta perspectiva se organiza de forma que possa haver sempre um comando principal, para que haja de maneira movimentos e pensamentos próprios do mesmo, não importando que seja o corpo, um rio, um corpo humano ou um exército, todo e qualquer corpo

---

<sup>38</sup> Universidade Federal do Pará.

se movimenta e age por um domínio, ou seja, um ideal necessário, isto é, aquele que mantém vivo um corpo humano, ou que permite guerrear com um exército ou simplesmente ser um rio de água corrente, cada corpo age e se movimenta de acordo com a sua necessidade e o meio que se relaciona.

O conceito de Corpo/Hip-Hop aqui não é diferente, a cultura HIP-HOP se caracteriza por quatro elementos, sendo estes, os responsáveis por formar o corpo e funcionam como membros em que um depende do outro para que a cultura alcance seu ápice em sua totalidade, desta forma eles ditam os comandos e o corpo interage de acordo com o que se faz necessário.

Para Daolio (2009, p. 45) “No corpo estão escritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca”, a cultura Hip-Hop, tem suas regras, normas e valores específicos tornando possível um corpo uma vez que se organiza em unidade e se movimenta na sociedade, através de comandos e tem sua própria estrutura corporal.

Iniciamos a estrutura de corporificação da cultura Hip-Hop, através de fragmentos de sua própria história sendo montados e ordenados de acordo com os seus acontecimentos, o que de certa forma nos faz voltar às raízes africanas citadas em capítulos anteriores da pesquisa em questão, em que se tem conhecimento que nossos ancestrais que se utilizavam de uma formação circular.

Nesta formação circular segundo Mel Aitak (2014), “é um poderoso símbolo de unidade, quando sentamos nessa formação, somos todos iguais e vibramos na mesma frequência”. O corpo/Hip-Hop é estruturado em círculos, cada círculo significa um elemento, cada elemento se faz fundamental para que o corpo seja completo, chegando, deste modo, ao seu ápice, ou seja, sua totalidade no que se refere à formação do mesmo, nos fazendo refletir sobre as diversas formas de pensar um círculo, sendo esta configuração usada há séculos pelos nossos ancestrais.

E assim alude o autor citado acima:

Quando nos juntamos em um círculo a energia de todos ali presente se torna uma unidade, uma vez que estamos compartilhando através do toque nossas diversas sensações naquele momento, como não tem arestas nem cantos, a energia acumulada ali se potencializa, da mesma forma, influências externas não conseguem penetrar nesse tipo de formação. (ATAIK, 2014)<sup>39</sup>

RADIESTESIA<sup>40</sup>, que é um dos gráficos mais conhecidos chama “Nove Círculos”, agrupados é usado para proteção de pessoas, objetos, animais e até residências. Na cultura HIP-

---

<sup>39</sup> Em artigo publicado em 11/05 na revista SOMOS TODOS UM

<sup>40</sup> Estudo da energia das pessoas e dos objetos

HOP se observa esta formação em diversos momentos associado as celebrações da cultura ao formato circular e que para comprovar que a maioria ocorre deste modo, comprovamos isso, com algumas imagens de eventos de HIP-HOP logo abaixo.

Imagem 16 – Cypher



Fonte: Arquivo Pessoal

Na imagem, observamos o modo em que os espectadores se posicionam para assistir a batalha, como podem notar há um círculo de pessoas em volta do que acontece no centro, desta maneira a energia é acumulada de forma que não se desfaz, em que o círculo de pessoas voltadas para dentro faz com que a energia não seja dissipada para fora. Aqui, analisamos outra foto fora do Estado do Pará, em que ocorreu uma celebração da cultura Hip-Hop.

Imagem 17 – CYPHER



Fonte: Arquivo pessoal

Temos aqui três cadeiras em que tradicionalmente os jurados se colocam durante uma batalha de B-boys, seguindo o formato circular da celebração. Logo acima, de cabelos longos e blusa branca, atrás dos jurados, se posicionam o DJ, de modo que o mesmo passa a ter uma visão privilegiada dos demais que habitam o ambiente, assunto que abordaremos, mais à frente.

A foto a cima, demonstra com mais precisão como a celebração em formato de círculo funciona dentro da cultura HIP-HOP, mostra de fato um círculo perfeito voltado para o que está acontecendo em seu centro em que a energia maior é gerada. Agora observamos uma última imagem em âmbito mundial, que se trata da celebração chamada RED BULL BC ONE, onde se faz presente diversas nações do mundo.

Imagem 18 – RED BULL BC ONE



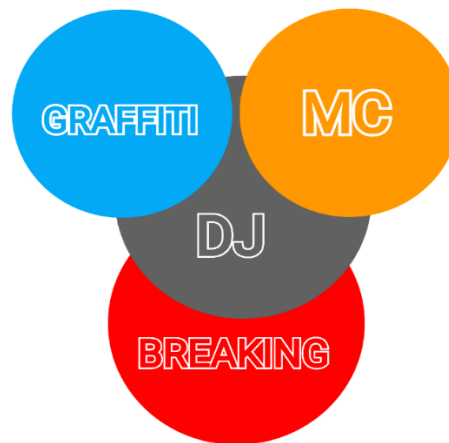
Fonte: Site da Red Bull Bc One



Não importa em que lugar a celebração ocorra, seja no continente africano ou no asiático, europeu ou no Brasil, todos os eventos são celebrações feitas em formato de círculos, deste modo, entendemos que o Corpo/Hip-Hop é construído e estruturado neste formato circular, para manter viva suas raízes ancestrais e seu fluxo constante de energia, como também, para se manter em uma única unidade, sendo formada por diversas pessoas, todavia, seguindo o entendimento de que essas pessoas seriam as moléculas que uma vez unidas formam um corpo.

### 3.2 Cultura Hip-Hop enquanto unidade de um corpo

Imagem 19 - Gráfico que representa o Corpo/Hip-Hop



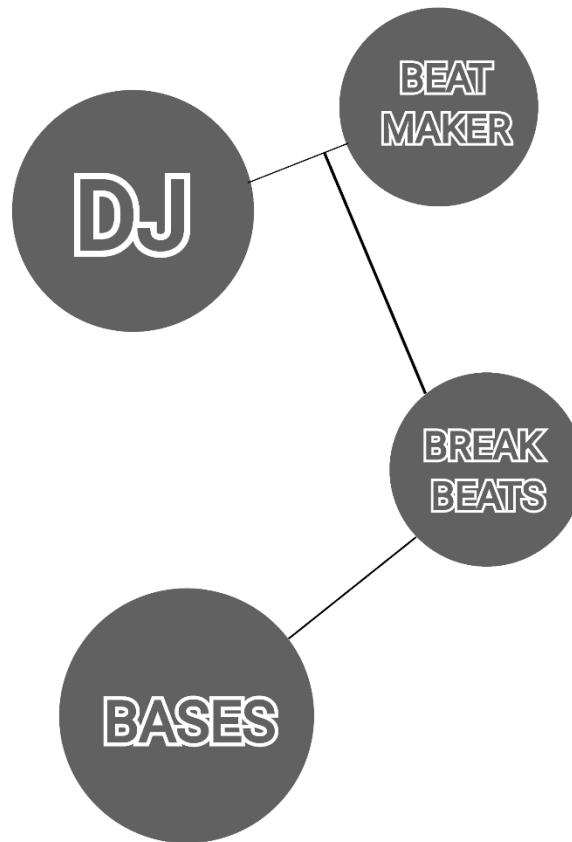
Fonte: imagem criada a partir da pesquisa.

A contar deste momento, elucidaremos como cada parte deste corpo funciona e se constitui, e como este por sua vez, precisa processar informações para desempenhar com sucesso uma determinada ação, Magill (1984, p. 55) diz que, “Seria extremamente difícil rebater uma bola de beisebol, jogar tênis, dar uma tacada de golfe ou jogar uma bola sem o uso da visão”. Na contemporaneidade sabemos que essas experiências com cegos em determinadas atividades, mudaram, mas, se fez necessário adaptações e modificações.

Iniciaremos este dialogo trazendo novamente a ideia de células, uma vez que agora sabemos que para a formação de um corpo é necessário que haja um agrupamento das mesmas, e que uma vez unidas sobre um domínio se tornam uma totalidade conceituando, desta maneira, o que vem a ser um corpo.

### Células DJ (ALMA):

Imagem 20 – Células do DJ



Fonte: imagem criada para pesquisa.

O DJ por ser o primeiro elemento da Cultura HIP-HOP, acaba sendo a alma deste corpo, *o que seria da mesma sem as bases características?* Quando ouvimos algum som logo aliamos a uma determinada cultura ou pessoa. A exemplo disso, trazemos uma reflexão. No Pará temos os sons regionais que lembramos o Carimbo, o Lundum, o Tecno-Melody e o brega.

Tais sons introduzem determinada canção e se torna impossível não aliarmos a cultura de um povo, a ponto de se dizer que certa batida seria a alma daquele povo. Quando nos deparamos com um samba ou pagode, já aliamos a região e o tipo de dança, indo um pouco mais além, podemos as vezes até visualizar roupas, cor de pele, estatura de corpo, etc.

Neste sentido podemos observar, que os sons são a forma em que certa cultura se comunica, dança e se organiza enquanto manifestação cultural. O HIP-HOP, através de seu elemento Dj, consegue ter uma base de entonação fazendo com que haja um certo ritmo corporal e mental.

Imagem 21 – DJ Bruno Beats



Fonte: MBC

O Dj é a alma de um evento, visto que sem o mesmo nada na cultura acontece e até poderia ser considerado como um corpo morto jogado ao chão, dependente de uma alma para sobreviver no plano terrestre. Esta alma é responsável por manter vivo o corpo. Imaginemos, que assim como a Bíblia, no livro de Gênesis cap. 1 (um) versículo 20 (vinte), “Deus criou o ser humano através do barro, fez a princípio o homem sua imagem e semelhança”, assim, quando criado e estabelecido, o mesmo precisava de um sopro de vida que podemos constatar como sendo a alma.

Quando Adão, é apenas um corpo, não passa de uma matéria inerte sem movimento, sem pensamento e muito menos visão, quando Deus, sopra em sua narina trazendo para o corpo a alma, este reconhece sua existência.

“DJ figura antológica do Hip-Hop, foi responsável por reunir os demais elementos para a arquitetura da cultura. Na Jamaica, não era visto apenas como um animador de festas, mas como uma divindade sacerdotal, que tinha a missão de interligar o povo á JAH (Deus), através dos estilos Roots, SKA e Dub. Havia um velho costume no reggae: de DJ’s falarem sobre músicas de discos ao toca-las e interagirem com o público. (DJ TR apud LEAL, 2007, p. 20)

Na cultura HIP-HOP, diferente da história de gênesis<sup>41</sup>, da Bíblia Sagrada da religião cristã acontece o inverso, visto que, primeiro Deus estrutura o corpo que logo em seguida lhe atribui a alma. No CORPO/HIP-HOP, primeiro surge a alma como o primórdio de uma existência, como se através desta pudesse de maneira ser gerado um corpo.

Dando continuidade a citação bíblica, agora nos referindo ao livro de Mateus<sup>42</sup>, precisamente no que os estudiosos e religiosos encaram como o novo testamento. Maria mãe de Jesus, recebe uma visita do Espírito Santo, certamente em um plano espiritual. Sua visita é para anunciar a vinda de Deus que logo mais reencarnará em um corpo humano, é justamente este o chamado daquela alma, Jesus.

Comparando a passagem da visitação, com a cultura aqui investigada, o elemento Dj, surge como se fosse esse espírito preste a reencarnar em algo maior, até então, em muitas religiões só pode ser visto ou interpretado no seu plano, que é o espiritual. Quando este elemento surge muito antes da década de 70, foi considerado o ápice da cultura HIP-HOP na criação de um corpo solido, seria, voltando as comparações, ou seja, um espírito procurando uma vida nova em um plano terrestre.

Suas primeiras manifestações e células começam a surgir no que chamo de BASES<sup>43</sup>, essas bases começam a criar novas células e com a criação destas, inicia a criação do CORPO/HIP-HOP e todos os seus futuros membros assim como, a criação de células de comunicação que se tornaria a boca, representando aqui, o elemento MC.

Considero que o CORPO/HIP-HOP, desenvolveu-se dentro de um ventre e evoluindo se tornou no que podemos acompanhar hoje. Adveio de uma ancestralidade predominante preta e de uma importância cultural jamaicana que transcendia a figura do DJ como um ser divino, em que este tinha uma missão, ou seja, interligar JAH (Deus), sendo este um ser de plano espiritual para com as pessoas no plano terrestre.

O Jamaicano Kool Herc, se propõe a compartilhar saberes culturais e divinos através da música e foi neste momento que ele interligou a alma a um “corpo” terreno. Surge então, com esta ligação um corpo em que a alma o habita, portanto, precisando ser nutrido para criar membros, exatamente como acontece com o feto dentro de um ventre materno.

---

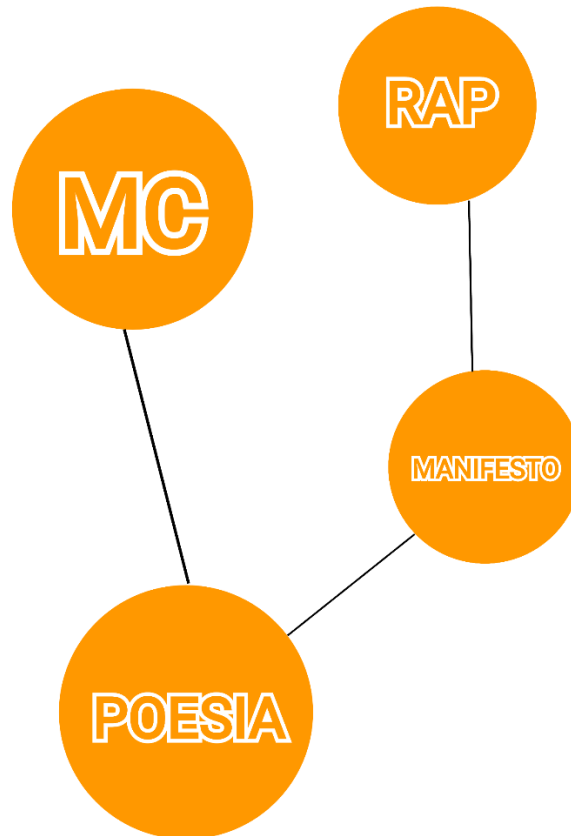
<sup>41</sup> Livro de gênesis se trata do primeiro livro da Bíblia sagrada dos cristãos, onde a mesma foi adaptada por Martinho Lutero.

<sup>42</sup> Livro de Mateus é o primeiro livro do novo testamento da Bíblia sagrada da religião cristã.

<sup>43</sup> Sons de entonação maior onde há vibração e pulsação.

### Células MC (BOCA):

Imagem 22 – Células da boca



Fonte: imagem criada através da pesquisa.

Seguindo o exemplo de uma gestação, dizemos que neste período da gravidez, é que foi criado a boca do CORPO/HIP-HOP, representada pelo elemento MC, que por sua vez, é quem apresenta os eventos e relata através do Rap, Poesia e Manifesto, as problemáticas e soluções que acontecem em seu entorno.

Todo ser humano se manifesta, se faz patente aos demais através de sua presença física. Todo contato da pessoa com o mundo exterior se estabelece a partir da própria realidade corporal, o corpo é o nexa entre o mundo interior e o mundo circundante. Desenvolver as faculdades sensoriais e mentais de forma equilibrada, ajuda a enfrentar as exigências que as aprendizagens supõem, mas também abre um campo de livre expressão necessário para incentivar sua criatividade, seu potencial interior e a inter-relação ativa e positiva com os demais. (SHINCA apud MARQUES, 1999, p. 13)

Em acordo com a autora acima, todo o ser humano quando se constitui como presença física, se manifesta e como o Corpo/Hip-Hop nasce de realidades políticas e marginalizadas, a Boca deste corpo não poderia relatar se não aquilo que vivencia, sendo que este, é o nexos entre o mundo interior e o circundante, o que lhe permite certa forma, possibilidades de se desenvolver de forma equilibrada sob a égide de manifestos e rimas que dialoguem e se posicionem mediante as mazelas da sociedade da época e da atualidade.

Abrindo de maneira significativa uma expressão corporal única e original, o MC passou a incentivar através de suas poesias e rappers todo o seu mundo circundante, se estabelecendo como um membro importante, dando voz a um corpo que antes só se apresentava por uma alma, agora podendo desenvolver criatividade por meio da sua interiorização e sendo capaz de criar inter-relações ativas e positivas dentro da sociedade.

Para Elis Caleone (2019), “A boca, ou cavidade oral, é composta de inúmeros componentes que trabalham juntos para que você possa respirar, falar, comer e digerir os alimentos”, portanto, esta é significativamente importante para o corpo, uma vez que sem ela seria impossível obter comunicação através da fala. Refletimos também, que só por meio da boca se é capaz de digerir alimentos, lembrando aqui, que existe um ditado popular que diz “você é aquilo que você come” e realmente somos. O homem por natureza é um ser social, que essencialmente está ligado ao ato e a capacidade de se relacionar com os outros, e desta forma consegue identificar e transmitir conhecimento.

Para fortalecer o argumento de que o corpo depende da boca, fomos beber na fonte de informações de Amoriello Spolador (2018) que diz, “A relação entre seres humanos ocorre primordialmente em decorrência da linguagem, seja ela escrita, falada, desenhada ou gesticulada”. Claro que existe diversas formas conhecidas para a comunicação ocorrer, mas vamos focar aqui a comunicação através da fala, pois, é o que o MC utiliza durante sua apresentação, repare que a autora enfatiza a relação comunicacional através da escrita, o que por sua vez, é o ponta pé inicial para um Rapper criar uma música de sucesso, assim como a poesia e os manifestos.

Aprendemos no início desta pesquisa que nem todo MC é um Rapper, assim como nem todo Rapper é um Poeta, mas o que enfatizamos é que as relações humanas que o Corpo/Hip-Hop tem perante a sociedade, acontecem, através destas células, sejam elas MC, Rapper, Poetas ou Manifestos, ressaltando que ambos são vistos no gráfico acima e fazem parte do mesmo membro que servem para comunicar e criar vínculos relacionais.

Comunicações e manifestos se dão em detrimento de suas vivências, não podemos nos relacionar de forma culta se fomos criados e ensinados por um meio vocacional informal, por mais que muitas vezes, este modo, seja de maneira usado para garantir intelecto. Para escurecer<sup>44</sup> mais ainda este meu pensamento, digo que não é porque não usamos a maneira formal de dialogar que somos isentos do conhecimento que o cerca, apenas falamos de maneira em que o entorno social nos ensina e nos afeta.

---

<sup>44</sup> Desconstruindo falas europeias de nossos colonizadores, de que falas como esclarecer fosse coisas boas e o que vem da cultura preta fosse ruim.

O Corpo/Hip-Hop, criou não somente uma maneira única de dialogar, mas criou também uma imensidão de dialetos próprios, gírias, falas e sons, e através desse arcabouço cultural consegue se expressar perante a sociedade, não somente através de suas músicas de cunho político e social, mas através de suas inúmeras escritas poéticas e manifestos de paz.

Imagem 23 – MC Styfle Guto



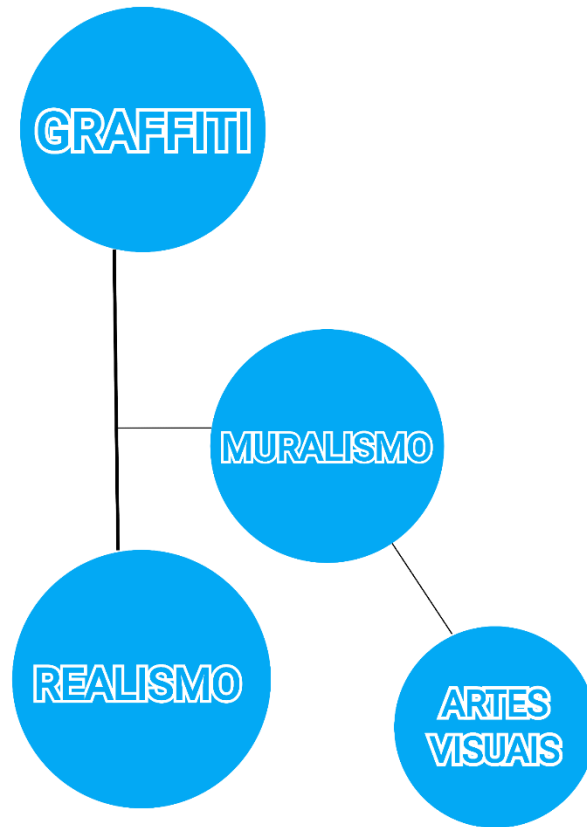
Fonte: MBC

Note que as relações interpessoais, e até mesmo a relação consigo mesmo, invariavelmente passam pela linguagem e é por conta disso que é possível se afirmar que a linguagem tem um papel de mediador. Sabemos que a mediação é um processo em que um determinado elemento se coloca como intermediário em uma relação, fazendo com que esta relação deixe de ser direta e passe a ser mediada por este elemento. (SPOLADOR, 2018, p. 20)

Contudo, a relação em que o MC criou junto à comunidade Hip-Hop, se tornando um dos mais importantes deste grande corpo, se deu pelo fato, que este, tem um papel de mediador determinando-se através da linguagem, fortalecendo através de um vínculo dialético com os outros membros, tornando-se assim, muitas das vezes um elo entre o corpo e a sociedade.

## Célula GRAFFITI (OLHOS):

Imagem 24 - Célula do Graffiti



Fonte: imagem criada a partir da pesquisa

*“O órgão do sentido responsável pela visão são os nossos olhos. Eles nos permitem enxergar o mundo à nossa volta. Com a visão podemos ver os objetos e perceber o tamanho deles, as cores, as formas”.*

*Nunes, Daviane. 2023, Pg. 02*

O Graffiti, através das artes visuais passa a ser os olhos do CORPO/HIP-HOP, que por sua vez, tendem a mostrar tudo aquilo que acontece ao seu redor, desde temas como: inclusão social, racismo, periferia, violência policial e políticas públicas até personagens icônicos do cotidiano, esquecidos pela sociedade. Os olhos podem ser vistos por outros olhos, a propósito, não só em telas apesar de que no momento, existem Graffiteiros consagrados nesta arte, todavia, podem ser representados também, em murais a céu aberto nas grandes cidades e em inúmeras periferias no mundo.



Imagem 25 – Graffiti em Muro



Fonte: Made for minds

Afirmamos então que, os olhos são importantes, pois, permitem identificar objetos, figuras, cores e dimensões e como diz Mello (2017) “A visão é um dos sentidos mais essenciais para a grande maioria dos seres vivos. Ora, o olho é um órgão complexo e com alto grau de desenvolvimento, fundamental para perceber tudo o que está à nossa volta”, continuo a ressaltar que é através dos olhos que o Graffiti consegue captar o que existe de mais puro e impuro dentro de uma sociedade, para que o Corpo/Hip-Hop possa enxergar esse é um dos mais importantes elementos que se constituiu, nesta cultura.

Não é difícil imaginar o porquê. Em nossos olhos, existem milhões de células fotossensíveis. É na retina que a imagem é captada e, através de processos bioquímicos, ocorre a transmissão dos impulsos nervosos até o cérebro. Então, eles são analisados e traduzidos nas imagens que vemos. Na parte central da retina está a mácula, com grande capacidade de distinguir detalhes em nosso campo visual central. Ela é composta por aproximadamente 125 milhões de células fotorreceptoras, que transformam estímulos luminosos em imagens. (MELLO, 2017)

O Graffiti, tem um papel importante no Corpo/Hip-Hop, pois é através dele que as imagens da Cultura são geradas, assim como os processos bioquímicos do corpo humano, neste também ocorre a transmissão dos impulsos nervosos deste elemento, este olhar apurado é

dissecado de forma artística e analisado sendo traduzido por meio das imagens através dos muros.

Destaco também, a grande capacidade de distinguir detalhes que muitas das vezes não percebemos, mas, que através das obras são transformadas em arte capaz de nos fazer refletir, sobre as problemáticas existentes na sociedade, todavia, servindo não apenas para este fim, mas, também, para mostrar que são capazes de se manifestar para de fato se auto enxergar e avaliar.

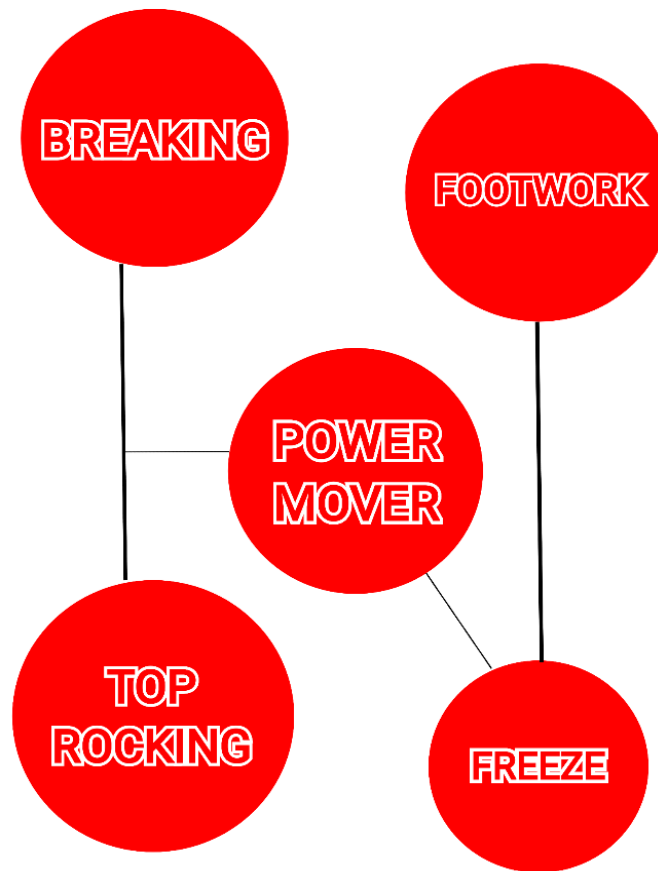
No entanto, podem se contradizer em diversos momentos para que possa ter como foco, um olhar profundo de si próprio e com isso venha aproveitar uma transformação positiva para o corpo, tanto no que diz respeito, ao intelecto, como na reflexão de seus atos, o que nos faz afirmar, certa forma, que apesar de ser os olhos, diferente da boca, este tem uma maneira única de dialogar com a sociedade e com os seus adeptos, sendo assim, inclusive, nas mais diferentes esferas do saber.

O Graffiti ou um olhar abstrato, tem cada vez mais se intensificado o que tem nos ajudado a ver e sentir que o Corpo/Hip-Hop tem descoberto o que se passa nas comunidades em que se faz presente, apresentado e representado nos muros, prédios públicos e camisas de adeptos e não adeptos da cultura, sendo assim, nos permitimos afirmar que este olhar cada dia que passa se torna latente, pois, como os outros membros do seu corpo, este tem aprendido e observado, se tornando dessa forma híbrido.

Contudo, o que já focamos e que nos permitiu nos atrever a descrever e a dizer que sua importância é essencial para que haja uma visão interna e externa do Corpo, para que tanto a sociedade como os seus adeptos obtenham conhecimento sobre aquilo que tem mostrado, e como diz o ditado popular “Uma imagem vale muito mais que mil palavras”, esse membro junto com a boca se completa, pois, um se reafirma através do outro e ambos compartilham da mesma alma e princípios.

## CÉLULAS BREAKING (PERNAS E BRAÇOS)

Imagem 26 - Célula do Breaking



Fonte: imagem criada a partir da pesquisa

*“Fico sentindo o batimento do seu peito de um modo tão particular sem muita coisa pra falar só o silêncio é transmissão de pensamento”.*

*Imprevisto: Yago Oproprio, Rô Rosa e Skeeter Beats*

*O que seria de um corpo sem seus braços e pernas?*

O Breaking surge para movimentar o Corpo/Hip-Hop. É através deste membro que se capacita a mostrar todo o seu potencial físico sem precisa de uma única fala, pois, tudo acontece em silêncio e transmissão de pensamento. Este por sua vez, ouve os batimentos que vem da alma (DJ) de forma tão particular que precisa se adaptar a essas batidas frenéticas, ou agônicas, nos autorizando a dizer que é a mais pura essência e união de corpo e alma que existe.

Nossos Braços e pernas concentram 75% dos músculos do corpo e, para darem sustentação aos ossos, precisam ser exercitados ao longo de toda vida, além disso os músculos têm “Memória”, ou seja, apresentam uma capacidade de “lembrar” como a pessoa já os trabalhou no passado e, assim, responder melhor as atividades. É como andar de bicicleta, a gente nunca esquece depois que aprendeu, mesmo que se passem décadas. (G1.GLOBO.COM, 2012)

Portanto, assim como o corpo humano o Corpo/Hip-Hop, também tem, sua maior concentração nos seus braços e pernas, sendo o Breaking um membro capaz de reunir todos os outros. Atualmente, estamos quase que constantemente em eventos nos quais, estão reunidos os quatro elementos da cultura, isso ocorre muito quando estes são organizados por B-boys e B-girls. Dificilmente você verá eventos organizados por MC’S ou Graffiteiros que reúnam todos os elementos do corpo em sua totalidade, porém ressalto que existem as exceções.

Para um melhor entendimento, saliento sobre o aqui focalizado que dificilmente se ver a reunião de outros elementos como o Breaking, por se tratar de um membro que impulsiona e gera movimento, este deve ser treinado todos os dias. Todavia, relevamos que DJ, MC e o Graffiti, sempre estão presentes nos treinos diários, pois, sem a criação das Break Beats dos DJ’S, o B-boy e a B-girl não dançariam, uma vez que de acordo com nossas descobertas no decorrer das investigações sobre esta pesquisa, aprendemos que os que dançam, são dependentes das batidas dos que tocam.

Sendo assim, a alma sempre está presente nas músicas durante o treino, mas, não somente esta, a boca também se faz presente dado que, as criações musicais dos MC’S os DJ’S conseguem criar os Break Beats e as Mixagens. Já os olhos, são encontrados nas camisas, sapatos e calças dos B-boys e B-girls, através de seus Graffitis personalizados, estampando personagens icônicos e artes abstratas.

O Corpo/HIP-HOP se movimenta de forma única e original e aqui relaciono: saltos, giros, equilíbrios, rolamentos, torções, adquirindo percepções do espaço e tempo, digo que seria como andar de bicicleta, visto que, uma vez que aprendemos nunca mais esquecemos e isso faz com que cada vez mais possamos ir além e descobrir o que mais pode ser feito, buscar, inventar e incrementar manobras, como, soltar as mãos e etc. Portanto, tudo no Breaking é possível, pois, quando se trata de movimento a criatividade engendra “asas” e com estas, se pode alcançar mais que os céus.

Para Stokoe e Harf (1987, p. 15) “A expressão corporal é uma linguagem através da qual o ser humano expressa sensações, emoções, sentimentos e pensamentos com o seu corpo integrando-o assim as outras linguagens expressivas como a fala, o desenho e escrita”. O Breaking é justamente o movimento que o MC, DJ e Graffiti, necessitam para se auto estabelecer, uma vez que, através desses movimentos contínuos, conseguem captar e interligar suas sensibilidades e conscientizações, por conseguinte nos fazendo aceitar o pensamento de Marques (1999) que argumenta:

Acreditamos segundo dados de diversos autores que a expressão corporal permite que através de sua linguagem o indivíduo se perceba, sinta, conheça e se manifeste, ou seja, é um aprendizado de si mesmo. Este de posse do conhecimento de si mesmo possibilita a ocorrer transformações, aproveitando a espontaneidade e a criatividade já existente no ser humano. (MARQUES, 1999, p. 26

O Breaking, é fruto de muitos estudos e visto pela contemporaneidade como movimento híbrido, portanto, potencializado através da dissecação e observação, o que permite que se busque formas e metodologias por meio da ciência, da criatividade e expressões artísticas.

Vale ainda ressaltar que Breaking tem reunido toda a cultura e mantido o Corpo HIP-HOP de pé e se movimentando de forma, social, cultural, esportiva, artística e cientificamente. Atualmente faz parte do quadro olímpico, como também é responsável como os MC'S, DJ'S e Graffiteiros, por manter esse corpo pulsante, nutrido e forte. Através dos caminhos em que vem trilhando esta cultura, é que tem segurado sempre o corpo HIP-HOP erguido, portanto, se podendo dizer, que por onde passou, sempre levou junto seus outros membros, uma vez que este é totalmente dependente deles.

Imagem 27 – Xifu Ribeiro Dançando



Fonte: fotógrafo Rodolfo (Ligeirinho)

Sabemos que sem o DJ o B-boy e a B-girl não dançam, uma vez que a própria palavra já traz o significado “menino e menina que dança na batida do Dj”, sabemos também que sem esta alma o MC não canta, pois, é dependente das suas Bases, para criar seus versos, assim como o Graffiti não se locomoveria se não fossem o Breaking, Dj e Mc, visto que, cada um, tem o seu papel contribuindo para o funcionamento e estética da cultura Hip-Hop, e com a falta destes, seria impossível ter o Corpo/Hip-Hop completo.

### 3.3 Hip-Hop: brincadeira ou ciência?

Neste subtítulo dialogaremos sobre metodologias de ensino-aprendizagem em sala de aula, e como esse Corpo/Hip-Hop através de inúmeros saberes adquiridos através do hibridismo que experimentamos ao longo do estudo, tais como: o social, cultural, esportivo e educacional, incluindo várias ciências de vários conhecimentos distintos, consegue de maneira compartilhar valores e contribuir para a formação de criança jovens e adultos.

Brincadeiras e ciências se encontram para ajudar os indivíduos em sua formação escolar no decorrer de sua vida, criando metodologias lúdicas a partir do Corpo/Hip-Hop e buscando dissecar estas para compreender novos saberes e suas devidas aplicações no âmbito educacional.

O Corpo/Hip-Hop é capaz de potencializar através de metodologias próprias, a capacidade e possibilidades de alunos em sala de aula, tornarem-se cada vez mais intuitivos e perceptivos, trazendo-os de maneira significativa para mais perto da realidade em que vivem e experienciam o mundo.

Imagem 28 – Aula sendo aplicada na amarelinha



Fonte: Arquivo pessoal

A imagem colocada acima, nos fez pensar o porquê de apresentarmos esta metodologia. Optei como foco para estas horas de aula, pelo jogo chamado “Amarelinha”, até porque, esta atividade, já faz parte de uma das minhas escolhas metodológicas de ensino e aprendizado para o Corpo/Hip-Hop.

Trata-se de um jogo e pode ser aplicado, para diversas faixas etárias e consistindo em desenvolver: coordenação motora, noção de espaço, musicalidade, lateralidade, atenção, criatividade e equilíbrio, podendo ser executado de duas maneiras: a primeira sendo usada por 15 (quinze) quadrados como na imagem, contendo pares e ímpares, jogado por apenas um indivíduo de cada vez em formato de fila indiana. O segundo por 4 (quatro) quadrados, em que, dois são pares e dois ímpares, podendo ser jogado por todos da sala ao mesmo tempo. Todavia, as autoras alertam que:

No ato de jogar, surge o aluno competitivo, o inseguro, o apreensivo, todos se revelam de imediato, bem como os mais felizes, libertos da necessidade de fazerem “certo”. O jogo elimina irrelevâncias e aproxima os acontecimentos numa sequência de forma tão concentrada e simplificada que condensa no tempo e no espaço a essência de uma complexa e longa experiência do que seria possível. (SPOLIN, 1963 apud MARQUES, 1999, p. 257)

Quando tratamos sob o foco da Metodologias lúdicas e o Corpo/Hip-Hop, adquire a possibilidade de que conhecimentos acerca da cultura, sejam explicados de forma prática, aproximando de fato eventualidades em sequência, tornando o indivíduo concentrado, perceptivo e ativo no exercício proposto, simplificando a teoria e condensando-a, no tempo e no espaço, abrindo de maneira significativa um enorme leque de possibilidades complexas, para um saber que levaria muito mais tempo para ser entendido, todavia, não poderia dar prosseguimento a este relato da prática sem abrir um precedente, no contar de onde vem e como chegou até nós, “o Jogo da Amarelinha”.

A amarelinha é um jogo muito conhecido pelo público infantil e adulto e que talvez em algum momento de nossas vidas, tenhamos nos percebido pulando amarelinha, quando criança ou simplesmente na fase adulta, porém, o que muitos não sabem é que este jogo popular não é de origem brasileira. Historiadores tais como, Maraise, afirmam que este, é um antigo jogo para treinamento de soldados romanos, que consistia em que se tornassem mais habilidosos no campo de batalha.

Riscar o chão para sair pulando é uma brincadeira que vem dos tempos do Império Romano. A amarelinha original tinha mais de cem metros e era usada como treinamento militar. As crianças romanas, então, fizeram imitações reduzidas do campo utilizado pelos soldados e acrescentaram numeração nos quadrados que deveriam ser pulados. Hoje as amarelinhas variam nos formatos geométricos e na quantidade de casas. As palavras “céu” e “inferno”

podem ser escritas no começo e no final do desenho, que é marcado no chão com giz, tinta ou graveto. (MARAISE, 2017, p. 1)

No Império Romano, este jogo era usado como treinamento militar, podendo se condicionar através dele o corpo para adquirir: equilíbrio, noção de espaço, fortalecimento muscular, trabalhar a atenção, foco e habilidades de inteligência. Era essencial e configurado de diversas formas a depender do que se queria alcançar. Com o passar do tempo, as crianças romanas da época acompanhadas por curiosidades acerca dos treinamentos militares, começaram a adaptar a amarelinha para características mais lúdicas.

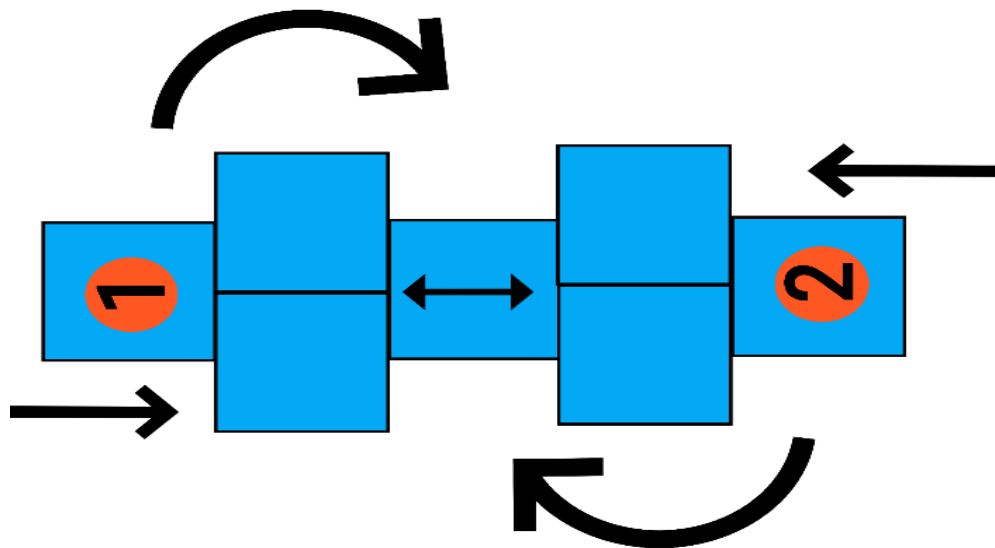
Essas novas características que dizem respeito ao Corpo/Hip-Hop, levantaram um questionamento de 3 (três) perguntas: *se ainda existe o caráter competitivo de suas origens? Pode ser definido antecipadamente o número de integrantes? Qual o objetivo de aperfeiçoamento corporal daqueles que participam? E como este jogo atinge o treinamento do HIP-HOP?*

Respondendo à pergunta número 1 (um) referente ao caráter competitivo, poderiam se criar metodologias para o Breaking, para aperfeiçoamento e entendimento das batalhas de dança através da competição durante o jogo, objetivando melhorar as futuras performances destes indivíduos e não somente os adeptos da cultura como aqueles que nunca tiveram contato com o Breaking antes.

Na Dança Breaking, existe uma categoria de B-boys e B-girls chamados de “Up Down” que traduzindo para o português quer dizer “para cima e para baixo”, esta categoria condiciona o corpo, para que ele execute sua performance tanto no nível alto e baixo, podendo transitar por ambos durante toda sua performance. Transitar por entre os níveis, exige muito de um B-boy/B-girl, uma vez que a dança é tão rápida e explosiva que isso toma metade de sua energia.



Imagem 29 – Amarelinha de 7 quadrados



Fonte: imagem criada para a pesquisa

Criamos um gráfico a partir desta pergunta com base no Corpo/Hip-Hop a “A amarelinha 1 X 1”, como vocês podem ver na imagem ela consiste em 7 (sete) quadrados sendo 3 (três) ímpares e 2 (dois) pares, podendo ser jogado por dois indivíduos frente a frente e seu funcionamento se caracteriza da seguinte forma: os jogadores se posicionam nos quadros ímpares por dois jogadores. Aqui, o que se trabalha, é a capacidade de ataque baseando-se na categoria UP DOWN. Cada quadrado só pode ser tocado por um determinado membro do corpo, como, cabeça, mãos, pés, peito, joelhos e outras.

Enfatizamos também, que neste jogo lúdico se pode trabalhar equilíbrio e foco e a relação corpo e espaço defendido pela autora Regina Miranda (2008, p. 39) como: “processos de releitura, atualização, encarnação, geração, fisicalização de conceitos e produção de sentidos “e para melhor compreensão do que estamos pensando e dizendo sobre o corpo HIP-HOP, nos aliamos a Le Boulch (1992 p. 18) que diz, “O espaço é o primeiro lugar ocupado pelo corpo e no qual se desenvolvem os movimentos do corpo”, na amarelinha e aqui nos referimos a primeira pergunta ou primeiro jogo, o participante deve utilizar a percepção dos níveis do espaço que são, no caso do HIP-HOP, níveis alto e baixo, e seu campo de maior concentração são nos 3 (três) quadrados que corresponde a sua área, sendo que existe um quadrado ímpar central, no qual, este deve se posicionar no final de cada rodada para ganhar o jogo.

Imagem 30 – Amarelinha 1 de quatro quadrados

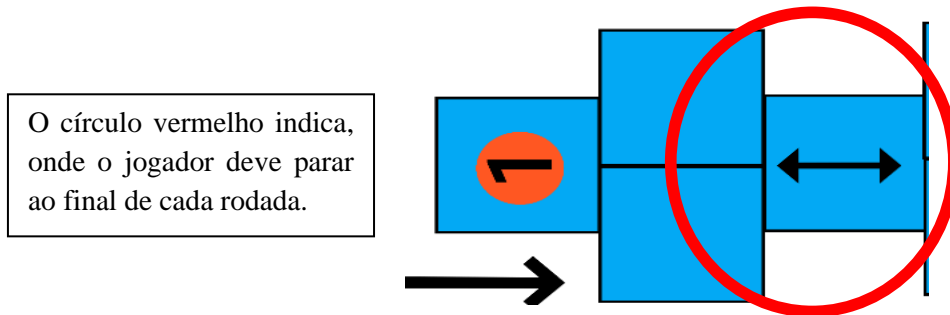
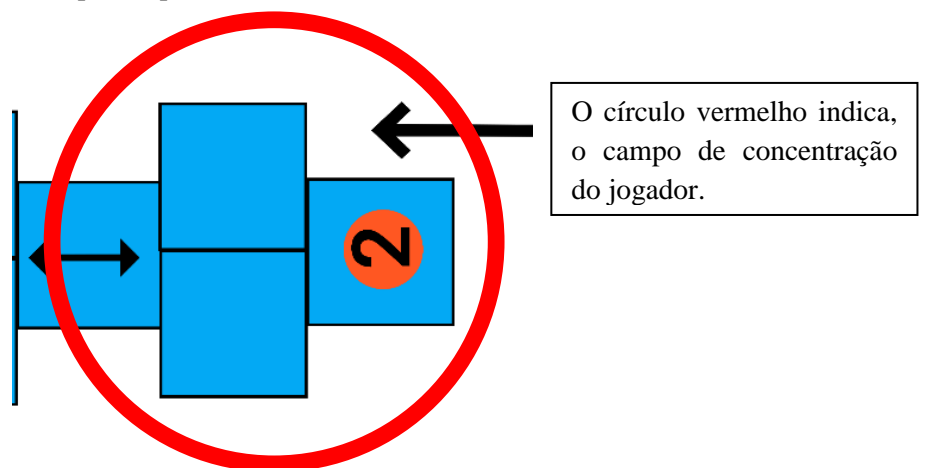


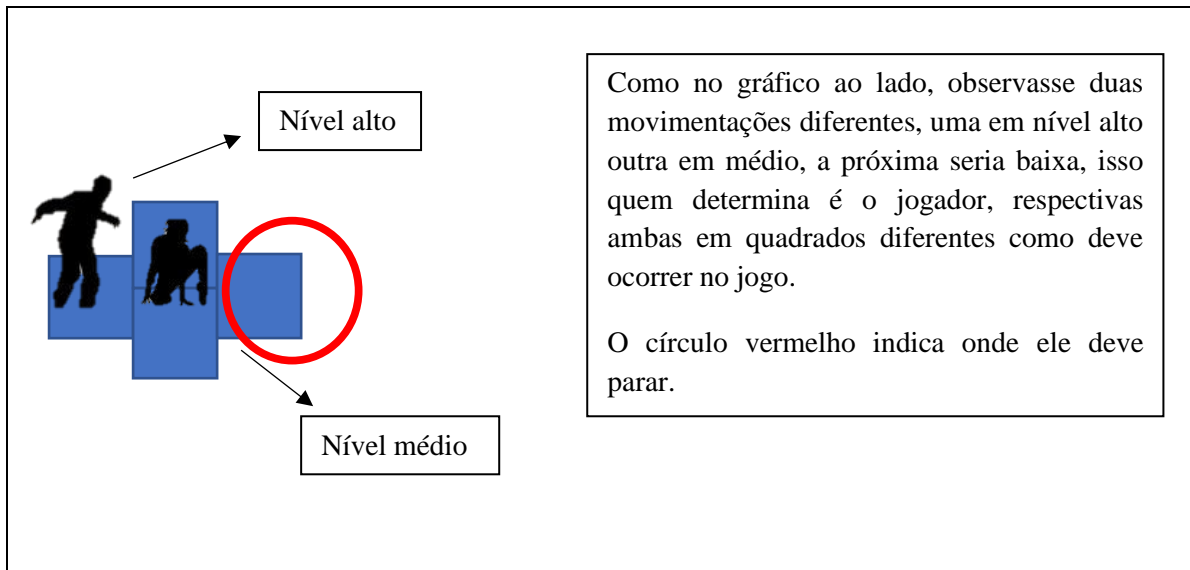
Imagem 31 – Amarelinha 2 de quatro quadrados



Fonte: gerada através da pesquisa

Cada indivíduo pode se movimentar por membros e partes do corpo diferentes, ambos têm um limite de 4 (quatro) movimentações, podendo ser aumentadas durante o jogo, sendo que estes por sua vez, não devem usar a mesma movimentação mais de 3 (três) vezes, estas movimentações devem ser feitas usando a categoria Up Down, ou seja, se utilizando de níveis altos e baixos, sendo regra que sejam usados pelo menos uma vez o nível baixo. Quem conseguir executar a ação de movimentos primeiro seguindo as regras e não sair para fora do quadrado, se posicionando no quadrado central vence o jogo que conta com 3 (três) rodadas.

Imagem 32 – Movimentações na Amarelinha



Fonte: gerada a partir da pesquisa

Isso permite trabalhar a concentração do indivíduo e seu foco, em uma relação constante de corpo e espaço, abrindo caminhos sólidos para a criatividade ao mesmo tempo que executa o ato competitivo muito usado nas batalhas de Breaking. Estimulando para que outros tipos de movimentações sejam explorados, que segundo Marques (1999, p. 21), “Em um espaço escalonado pela estação sentado, depois em pé, permitindo recolher informações cada vez mais numerosas até a descoberta, definindo os limites de exploração através da manipulação”. Essas locomoções realizadas pelo participante durante o exercício, lhe dará a possibilidade de entender, como ao mesmo tempo estende e prolonga a ação e que acessando a repetição, novas descobertas surgem com mais ciência de quem pratica, ou seja, apresentam-se com mais propriedades.

Essas possibilidades descritas nos parágrafos anteriores, preenchem a memória corporal do praticante para se fazerem presentes nas futuras performances em que poderão demonstrar em seus processos, o entendimento da relação Corpo/Espaço.

Voltando as perguntas feitas acima, vamos enfatizar agora, o segundo questionamento que corresponde a definição do número de integrantes que podem participar dos jogos, uma vez que em sala de aula, contamos com uma certa quantidade de indivíduos durante os exercícios e aplicações de determinadas metodologias, para que nenhum destes se sinta deslocado durante as atividades, e para que possamos acompanhar as diferentes evoluções que cada um alcança.

Imagem 33 - Demonstração em sala de aula sobre a amarelinha

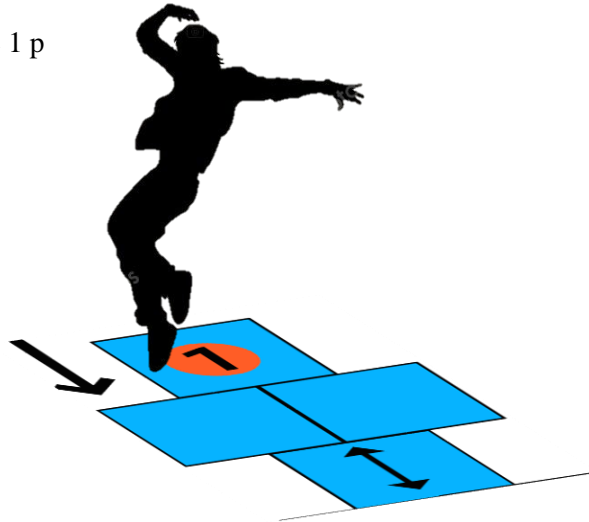


Fonte: arquivo pessoal

Na imagem podemos observar uma amarelinha de 13 (treze) quadrados, em que o professor diz que, esta prática é para ser usada com grande número de pessoas, posicionando-os em fila indiana primeiramente. Em seguida, se explica que terá uma Base do DJ tocando e que estes devem passar de maneira livre pela amarelinha no primeiro momento. Observe como os alunos se relacionam corporalmente neste contato inicial.

Ao findar o momento inicial se introduz alguns elementos investigativos, pois, será através dele que o professor poderá identificar qual aluno tem dificuldades, iniciando um experimentar da amarelinha com apenas uma perna, repita isso com todos da fila até a próxima atividade, faça-os vivenciar, também pulando uma vez de frente outra vez de costas, até que completem o percurso.

Imagem 34 – Saltando de 1 p



Fonte: gerada a partir da pesquisa

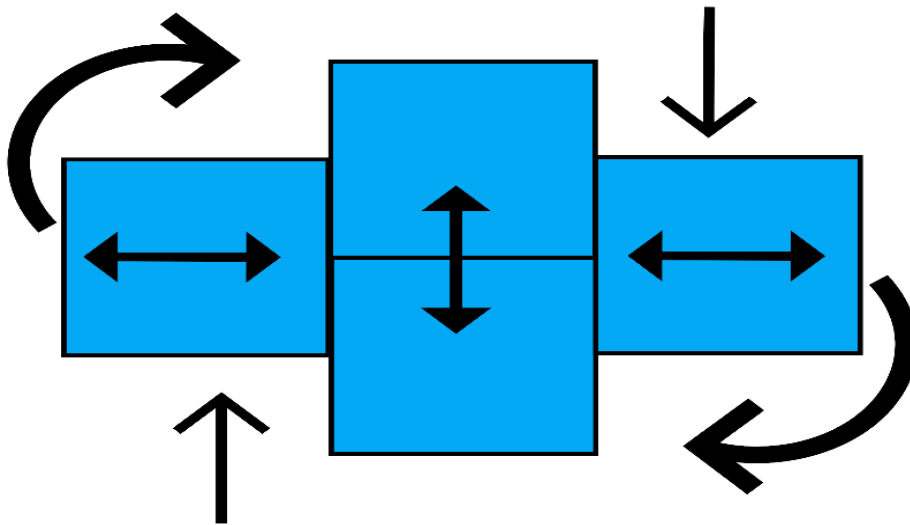
O professor que está aplicando a atividade deve determinar nestas aulas, regras como: não tocar nas bordas do quadrado, aos poucos faça-os usar dois apoios diferentes para passarem pela amarelinha, utilização de qualquer parte do corpo, ou de acordo com que o participante vá descobrindo as problemáticas existentes, todavia, aconselha o instrutor que se evite fazer o mesmo exercício por muito tempo, até porque pode causar lesões<sup>45</sup>.

Aconselhamos que aumente os apoios para 4 (quatro), pois se acredita que dessa forma, ou seja, com este treinamento os participantes se adaptarão com mais ciência. Alertamos, que este treinamento de número 4 se trata de uma adaptação para uma arremetida para a técnica do Footwork<sup>46</sup>, que aprendemos no início dessa pesquisa. Pedimos aqui atenção para como cada aluno interage aos níveis que é imposto no jogo, e aludimos que esta observação deve recair sobre os alunos iniciantes que pratiquem apenas o nível alto na terceira fase do exercício, sendo certa maneira, uma saída para que estes entendam o funcionamento da técnica do Top Rocking. Uma vez que o instrutor já pode conhecer os corpos presentes, pode identificar se usará ou não com mais profundidade as técnicas presentes na dança, e para embasar melhor esta prática, aconselha-se a dividir a amarelinha da seguinte forma:

<sup>45</sup> A repetição exacerbada por longo tempo em iniciantes, pode causar fadiga corporal, fazendo com que o participante em detrimento da exaustão de seu corpo, venha a se machucar.

<sup>46</sup> O Footwork é uma técnica de nível médio do Breaking, que consiste em executar o trabalho de pernas sobre quatro apoios utilizando as mãos.

Imagem 35 – Amarelinha desmembrada



Fonte: imagem criada para pesquisa

Como podemos ver na imagem acima divida-a em 4 (quatro) quadrados e separe-os na sala, esta estrutura corresponde a 1 (um) aluno e inicie mostrando técnicas da dança como Up Rocking, Top Rocking, mas, não os condicione para que fiquem somente no nível alto, tire um momento para que eles criem através da exploração da estrutura da imagem que estará em sua frente, faça-os brincar, pois é através do lúdico que fluirá a dança de cada um.

Na metodologia adotada ao lado das práxis ou movimentos finalizados, com objetivo prático que lhes confere sua significação, não deve perder de vista o interesse formador e equilibrador dos movimentos expressivos não finalizados com sua significação imanente, os ciclos primários em cursos preparatórios devem-se dedicar um lugar importante aos jogos e exercícios de expressão livre, pois os aspectos expressivos do movimento, unido a sua dimensão psicoafetiva é tanto mais importante. (LE BOULCH, 1987 apud MARQUES, 1999, p. 46)

Portanto, como afirma os autores acima, sempre tire um momento das suas práxis para entendimento do aluno e que possa buscar caminhos próprios para a criação do seu conhecimento com base naquilo que foi repassado. Nessa estrutura de amarelinha o aluno deve ser confrontado e estimulado a experimentar sua criatividade e originalidade, desenvolvendo equilíbrio, foco, lateralidade, musicalidade e aperfeiçoamento da técnica.

Com o tempo, uma vez que o aluno já está ambientado a estrutura do jogo, faça-o experimentar a musicalidade, ponha bases calmas e lentas para que ele busque sempre se

conectar de forma fluida ao Break beats, faça-o entender que seu corpo deve estar ligado com sua alma, uma vez que entendemos que o Breaking são os membros e a alma é o DJ.

Deixe-o livre para criar afetividade com o que ouve, lembre-o sempre que em momento algum este deve desviar seu foco da estrutura que executa a atividade, nem que toque nas arestas do quadrado, devemos estar sempre atentos com a evolução do aluno e seus possíveis vícios corporais. Introduza aos poucos a imagética das gestualidades. Como nos afirma Regina Miranda (2018, p. 39, 40) “Fica então apontada a diferença entre entender e conhecer, atividade criativa complexa que inclui decifrar, entender, recriar e encarnar”.

O instrutor deve solicitar ao participante que simule um Mc cantando e induza os demais a observarem como este se relaciona, introduza a esta simulação, também a imagem do Graffiti e faça com que vivenciem como seria este elemento segurando uma lata de spray, aos poucos vá ambientando os participantes aos quatro elementos da Cultura Hip-Hop, para que esse corpo esteja completo em seu ápice. O professor, deve dar prosseguimento ao exercício solicitando que o participante experimente de diversas formas suas simulações de cada elemento dentro da estrutura, estimulando que ele perpassasse por todas as formas fluidas, impulsionando-o para que gere um Top Rocking, fazendo-o desenhar no espaço o seu entorno, com criatividade, originalidade, equilíbrio e acima de tudo, segurança e limpeza.

A terceira pergunta levantada nesta pesquisa, seria como essas brincadeiras ajudam no fortalecimento e condicionamento físico de quem participa, por se tratar de um longo e profundo estudo, esta pergunta será respondida em uma futura continuidade acadêmica, que terei a honra de responder com profundidade, todos os seus possíveis questionamentos e caminhos que as abraça.

Vale ressaltar, como se faz importante estudos de metodologias acerca do ensino e aprendizagem educacional, e como que jogos proporcionam uma experiência educativa ampla de conhecimentos, e ajudam na formação de crianças, jovens e adultos. Integrando saberes não tradicionais ao âmbito escolar, o Corpo/Hip-Hop tem um vasto leque de metodologias que podem facilmente serem aplicados dentro de escolas, universidades, e centros educacionais, reiterando assim, que este tem um compromisso social e educacional dentro da sociedade, e deve ser valorizado, no que, diz respeito a sua capacidade intelectual.

## (IN) CONCLUSÃO

O estudo foi realizado, através de um discurso elaborado pela cultura HIP-HOP, no qual, depois de muitos anos de atuação social dentro das comunidades periféricas se faz latente e presente na atualidade nas mais distintas áreas do saber, sejam estas: educacionais, esportivas, artísticas ou sociais. Tendo como principal objetivo dialogar sobre sua totalidade enquanto uma cultura que se observa como um corpo vivo e pulsante.

A investigação aqui desenvolvida, bebeu em fontes de inúmeros estudiosos que nos permitiram configurar o que viria ser o corpo HIP-HOP. Os estudos nos levaram a entender que no cenário mundial, nacional e regional a história contada a partir de figuras pioneiras símbolos de luta e resistência através de um eixo transversal que é África do Sul, e como que tribos como a de Zulu tiveram uma importante e significativa participação para a criação e desenvolvimento da cultura estadunidense, disseminada em todos os continentes.

Mostrando as inúmeras diversidades de etnias, gêneros, culturas e raças que ao longo do tempo foram se hibridando e se fortalecendo através do Hip-Hop, compreendendo que cada região que se fez presente, buscou interagir através das artes e do cunho social, como cresceu e se desenvolveu as ciências que interagem através de metodologias por meio do ensino-aprendizagem, tanto em escolas, como em projetos culturais e esportivos.

O estudo trata de um mergulho em busca de um conhecimento inacabado, que pode ser desenvolvido e aplicado em outras áreas do mundo acadêmico, seja estas em futuras especializações, mestrado e doutorado, em que se procurará aprofundar questões pertinentes que foram levantadas ao longo de toda esta pesquisa, sejam elas históricas, por meio da construção da cena cultural amazônica, educacionais, através de metodologias de sala de aula ou de investigação corporal de atletas e atuantes do Hip-Hop e todos os seus elementos aqui apresentados.

Este por sua vez, reafirmou o compromisso do Hip-Hop com o fazer e o diálogo pacífico de uma cultura que vem crescendo e se desenvolvendo com lemas tais como: paz, amor, união e diversão, visando quebrar estigmas preconceituosos e tabus que nos empurram para as margens da criminalidade e marginalização de um movimento genuíno, no qual é cultura imaterial do mundo.

Consideramos este mergulho no conhecimento da cultura Hip-Hop, ao longo deste estudo, como o início de algo maior a ser experimentado e pesquisado aos anos futuros que almejo alcançar e fazer carreira acadêmica, não considerando como algo acabado, mas deixando em aberto para dá continuidade em outras formações.

Em minhas (IN) conclusões, busco agradecer por todos aqueles que resistiram e se fizeram presentes na construção da cultura Hip-Hop na Amazônia, pois foi através destes que hoje foi possível a realizar esta investigação que visa contribuir não somente no acervo bibliográfico de universidades, mas também, para a emancipação, fortalecimento e crescimento do Hip-Hop no Estado do Pará.



Contudo, deixo aqui, meus agradecimentos aos amigos B-girl Mayla, B-boy Lee, B-boy konoto, B-girl Thaysa, B-boy Gil, B-boy Rico, B-boy Fabio, Ivan Pires, B-boy Fera, DJ Bruno Beats, Style Guto, DJ Alex Freezer, DJ RG e demais companheiros de luta e resistência da cultura Hip-Hop, que tanto acreditam no potencial desta cultura.

## REFERÊNCIAS

- AITAK, Mel. **ESPIRITUALIDADE - OS SETE TIPOS DE PAZ**. Disponível em: <http://www.ubavbrasil.com.br/2013/05/espirtualidade-os-sete-tipos-de-paz.html> Acesso em 30/03/2023
- ARENDDT, Hannah. **Sobre a revolução**. São Paulo: Editora Ática; Brasília: Editora UnB, 1988.
- CALEONE, Elis. **Conheça sua boca**: partes da boca e suas funções. 12 de outubro 2019. Disponível em: <https://www.supermotivados.com/2019/10/conheca-sua-boca-partes-da-boca-e-suas.html>
- CHANG, Jeff; HERC, Kool. **Can't Stop Won't Stop: A History of the Hip-Hop Generation** (English Edition) eBook Kindle. New York: Ebury Digital, 2005.
- DALTON, Jhon. **UNICENTRO** Paraná 28 de julho 2016. Disponível em: <https://www3.unicentro.br/petfisica/2016/07/28/john-dalton-1766-1844/> acesso em: 14/03/23
- DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. 13<sup>a</sup> ed. Campinas: Papirus, 2009.
- DIAS, Cristiane Correia. **Pedagogia do Hip-Hop**: consciência, resistência e saberes em luta. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2019.
- G1. GLOBO.COM. **Braços e pernas reúnem 75% dos músculos e precisam ser exercitados**. 05/10/2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2012/10/bracos-e-pernas-reunem-75-dos-musculos-e-precisam-ser-exercitados.html>. Acesso em: 12 out. 2022.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. Campinas: Papirus, 1995.
- HILL, Marc Lamont. **Batidas, rimas e vida escolar**: pedagogia Hip-Hop e as políticas de identidade. Revisão da tradução e prefácio a edição brasileira de Mônica do Amaral; prefácio de Gloria Ladson Billings; tradução de Paola Prandini e Vinicius Puttini. Petropolis, RJ: Vozes, 2014.
- LE BOULCH, Jean. **Educação Psicomotora**: a Psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- LE BOULCH, Jean: **O desenvolvimento psicomotor**: do nascimento até seis anos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992
- LEAL, Sergio. **Acorda Hip Hop!** São Paulo: Ed. Saraiva, 2007.
- MAGILL, Richard A. **Aprendizagem motora**: conceitos e aplicações. São Paulo: Ed. Edgard Blucher, 1984.
- MARAISEAP928. **Brainly**. Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/11820084>. Acesso em: jan.2023.

MARQUES, Mariana. **Monografia, Consciência Corporal**: possibilidades pedagógicas no aprendizado da Dança. Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, 1999.

MELLO, Paulo. **Qual a importância que você dá para seus olhos?** 12 dez. 2017. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/coluna/com-a-palavra/qual-a-importancia-que-voce-da-para-seus-olhos>. Acesso em: 17 jan. 2023.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.

MIRANDA, Regina. **Corpo-espaço**: aspectos de uma geofilosofia do corpo em movimento. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. Disponível em: <https://www.alicepoppe.com/wp-content/uploads/2019/11/Regina-Miranda-Corpo-Espaco.pdf>. Acesso em: 16/03/23.

NÓBREGA, Terezinha Patrícia da. **Aprendendo com o Corpo**: Pressupostos Filosóficos da corporeidade na Educação Física. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1995.

SANTOS, Rodrigo Maia. O Direito ao Lazer como Paradigma (Re)Interpretativo Emergente das Normas Trabalhistas – Salvador: 2017. 232 fl. 30 cm.

SCANDIUCCI, G. **Juventude negro-descendente e a cultura hip hop na periferia de São Paulo**: possibilidades de desenvolvimento humano sob a ótica da psicologia analítica. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SHINCA, Marta. **Psicomotricidade, Ritmo e Expressão Corporal**. São Paulo: Summus, 1987.

SILVA, J.C.G. **Rap na cidade de São Paulo**: música, etnicidade e experiência urbana. 1995. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

SPOLADOR, Milene Amoriello. **Uma breve reflexão sobre o papel da linguagem como mediadora e a sua importância na relação entre pessoas**. 02 mai. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@m.amoriello/uma-breve-reflex%C3%A3o-sobre-o-papel-da-linguagem-como-mediadora-e-a-sua-import%C3%A2ncia-na-rela%C3%A7%C3%A3o-entre-67b2f3ad6205>. Acesso em: 17 jan. 2023.

STOKOE, Patricia; HARF, Ruth. **Expressão corporal na pré-escola** (tradução de Beatriz A. Cannabrava). São Paulo: Summus, 1987.

TRIUNFO, Nelson. **Do sertão ao Hip Hop**. São Paulo: UNESP, 2014.

TZU, Sun. **A arte da Guerra**. Traduzido por Pedro Manoel Soares. 3. ed. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2019.

## GLOSSÁRIO

**B-Boy/B-girl:** menino e menina que dançam na batida do Disque Jôquei (Dj).

**Block Party:** festa de quarteirão.

**Bombox:** caixa de som.

**Boty – Battle of the Year:** evento de dança muito famoso no mundo inteiro.

**Breaking:** elemento da Cultura Hip-Hop responsável pela dança.

**Crew:** grupo de pessoas que dançam Breaking, ou que desenvolvem trabalhos como Graffitis, MC's e Dj's.

**Cypher:** roda cultural do Hip-Hop.

**FootLoose:** filme da década de 70 muito famoso por trazer passos de danças.

**Footwork:** técnica da dança Breaking no nível médio.

**Freezer:** técnica da dança Breaking que consiste em congelar o corpo sobre determinada posição em equilíbrio.

**Infinity lessons:** lições infinitas desenvolvidas pela Zulu Nation.

**Jah:** nome dado a Deus em países como a Jamaica.

**K-pop:** cultura adolescentes atual advinda da Coreia.

**Locking:** vertente das danças urbanas.

**Moonwalk:** passo de dança muito famoso por Michael Jackson.

**Popping:** vertente das danças urbanas.

**Power Mover:** técnica da dança Breaking de estilo acrobático.

**Radiestesia:** estudos dos círculos.

**Set:** entrada performática do B-boy/B-girl.

**Steps:** nome dado aos movimentos da dança Breaking.

**Swipes:** movimento da dança Breaking acrobático.

**Top Rocking:** técnica da dança Breaking de nível alto.

**Up-Rocking:** considerada a primeira dança do gênero urbano de rua.

**Zulu Nation:** nome da organização mundial do Hip-Hop.